

6.

Os *Millennials* por Eles Mesmos – O que Revelou o Campo

Após a explicação sobre o que vêm a ser os *millennials* no senso comum, o estudo expõe agora o que foi encontrado em campo. Os relatos dos entrevistados foram divididos em subcapítulos a fim de organizar os diversos temas levantados pelos jovens de forma conclusiva. Dentre tais relatos, também foram adicionados os detalhes das situações, o que ocorria no momento. Dessa forma, o recorte descrito a seguir foi compreendido como o que de mais relevante poderia ser apresentado do campo para observação, de acordo com o objetivo da pesquisa.

6.1.

Grupos Focais

Até aqui foi apresentado um aprofundamento da literatura que se acredita pertinente para a compreensão da juventude e sua ligação social com mudanças e revoluções. Conforme citado, o recorte de análise juvenil foram os *millennials*. Dentre uma série de características atribuídas a esses jovens a realização de dois grupos focais daria ideias para uma aproximação mais abrangente, geral, sobre o que de fato tal juventude pensa do que é falado sobre ela. Para não perder detalhes que enriquecem as entrevistas, em algumas situações, os subcapítulos buscarão contextualizar o que estava acontecendo no momento, com descrições e detalhamento. Assim, temas específicos foram levantados para as discussões como a Geração *Millennials*, a tecnologia, a relação com outras gerações, o mercado de trabalho, a ansiedade e a mudança social.

Para afirmar que todos tivessem informação sobre o que é dito da sua geração e das anteriores, o vídeo *We all want to be young* foi exibido e também provocou questionamentos entre os participantes. No entanto, ao falar sobre Geração *Millennials*, por exemplo, naturalmente foram citadas questões de tecnologia, ansiedade e assim por diante. Assim, ainda que definidos os temas para serem discutidos separadamente, todos possuem uma ligação, conversam entre si e tocam uns aos outros. Os dois grupos foram mediados por mim e pelas professoras que cederam cada turma para a realização, ou seja, duas mediadoras

por grupo focal. Os nomes dos entrevistados foram preservados e outros farão tal papel. Para que se tenha claro quais participantes são referentes a qual grupo de discussão, foi detalhado entre o primeiro, realizado na PUC-Rio, com “(1)”, e o segundo, na ESPM-Rio, com “(2)”.

6.1.1

Millennials

Conforme será apresentado no próximo capítulo, a Geração *Millennials* é constantemente assunto de matérias de jornal, internet, livros e artigos, principalmente fora do Brasil. Sendo tão discutido e desenhado o perfil de um jovem *millennial*, a primeira indagação após alguns minutos de descontração “quebra-gelo” foi entender o que eles acham do que leem acerca de tais características.

Caetano (1): Eu não gosto dessa denominação de Geração Y porque dizem que a gente é mimado, que a gente não sabe entregar o trabalho na sexta-feira. Eles colocam que a gente seja multitarefa, mas ao mesmo tempo, isso é um problema para eles, a Geração Y parece...

Analú (1): Negativa.

Maria (1): Acaba caindo naquelas denominações, Geração Peter Pan, Geração Canguru.

Uma participante comenta sobre um vídeo famoso na internet, com um pesquisador americano, em que classifica os *millennials* como mimados, “como se os pais não os souberam criar e viciados em tecnologia”, de acordo com uma das participantes do grupo 1. Os jovens expõem que acham mal resolvidos tais discursos.

Caetano (1): A minha questão com geração é que coloca todo mundo em um saquinho e sei lá, todos os jovens de 24 a 25 anos estão em um mesmo saco. Aqui todo mundo tem essa idade, se perguntar para cada um sobre o que pensa do mundo ou como vive vai ser diferente.

Clarisse (1): É tudo estereótipo né. A gente tem que saber filtrar o que cabe à gente, ao nosso meio e o que vem pra gente, porque é sempre uma visão externa que fala. Nenhum *millennial* vai se autodenominar *millennial*. Eu acho que é isso sim, mas eu também acho que a gente está passando por grandes mudanças na nossa geração a partir de ansiedade, imediatismo, uma fase muito *low – low food, low fashion*.

Caetano (1): Eu não gosto desses nomes, porque dentro das próprias gerações, há milhares de outros tipos.

Lisa (1): Eu não gosto de categorizar assim, eu não sei, tem coisas que se identificam, outras nem tanto. Outras que são influenciadas, porque também não é assim: isso é uma geração e aqui é outra geração, no meio há uma interseção de pessoas que ficam ali. Como é que você vai determinar que de 18 a 24 [anos] é um troço? E a galera de 25 e 26? Claro que pega isso, tem uma mancha.

Luana (1): Eu acho que existe uma diversidade muito grande dentro de cada geração, eu não me sinto parte da minha geração em muitos sentidos. Volta e meia eu falo, “cara, nasci no tempo errado”, mas, de certa maneira, eu também faço parte e tento entender e conviver com esse mundo.

Analú (1): Acho que até o Brasil, com classe social, região, será que eu, com 19 anos e moro na zona sul do Rio, será que um cara que tem 19 anos e mora no interior do Rio Grande do Norte é igual a mim? Não entende?

Lisa (1): Eu acho que no fim das contas, a juventude tem a ver com transformação mesmo, são experiências que vão acontecendo e tal. E cada momento, pra cada pessoa, vai acontecer de um jeito, porque tem diferentes ferramentas, diferentes formas de se relacionar e você acaba se desenvolvendo baseado nisso. Claro, existiu uma geração que não tinha celular, depois a outra passou a ter. Mudou? Mudou, mas aquela coisa de eu quero conhecer pessoas, eu quero ter novas experiências, eu quero e preciso começar a trabalhar e estudar, isso tudo aconteceu com boa parte da juventude por muito tempo. Vou falar que a minha avó não passou por isso porque ela não ia pra faculdade naquela época? Mas assim, de forma geral, é jovem.

O segundo grupo de discussão tinha menos propriedade sobre o que é dito sobre os *millennials*, o que foi sanado em um segundo momento com a exibição do vídeo *We all want to be young*.

Joaquim (2): Eu acho que, de forma geral, muitos valores a gente até compartilha, mas não define que a gente é só aquilo também. Acho que a nossa geração é muito mais engajada, o mundo é mais ansioso, nasceu em um contexto de muita tecnologia, a galera é mais sonhadora. Então, eu acho que tem certas coisas que eu consigo ver em geral na nossa geração. Mas eu acho que não é uma regra assim.

Lucas (2): Eu acho que esse conceito geracional acaba impondo um padrão que não é necessariamente real assim, eu lembro de ter lido sobre os *millennials*, mas eu não sou só aquilo que eles estavam descrevendo, entendeu? Mas identifiquei alguns comportamentos.

Teo (2): Eu estava vendo uma reportagem sobre os *millennials*, que a diferença é de quase 20 anos do começo ao fim. Então, é uma diferença gritante, mas do começo dos anos 80, comparado à nossa geração, mesmo do final dos anos 90, é total diferente de comportamento, então eu acho que tem subgerações dentro de uma geração.

De modo geral, os jovens sabem o que é construído sobre eles socialmente por um perfil muito definido pela tecnologia. Houve alguns poucos pontos em

comum, de modo geral, em que os jovens reconheceram em si características da Geração *Millennials*. Ainda assim, foi percebido que não houve participantes que se identificassem ou concordassem totalmente. O grupo afirmava que não são todos iguais. Percebe-se que, conforme Karl Mannheim esclarece, os conceitos de posição geracional, conexão geracional e unidade geracional dialogam com os sentimentos expostos nas falas dos *millennials*. Porém, ainda que estejam em uma mesma posição geracional, não há garantias que compartilhem da mesma unidade geracional.

Walter Jaide (1968) também desperta reflexão, quando afirma que há uma categorização da juventude criando comparações entre as gerações. O autor cita que mais justo seria uma comparação entre a própria geração. Tal discurso coincide com as falas dos jovens que citaram diferenças dentre os integrantes de uma mesma geração. Os grupos demonstraram incômodo com a segmentação e com o perfil instituído a eles, o que traz à memória a luta por autenticidade vista em toda a História da juventude, seja, por exemplo, no movimento Wandervogel, no século XIX, ou os punks, no século XX. O jovem nunca conseguiu se localizar em uma única massa, criada pelos adultos.

6.1.2.

Tecnologia

Ao falarem de si, os jovens também falaram sobre tecnologia. A geração é inteiramente ligada, no senso comum, à internet e às novas ferramentas. Desse modo, comentam como ela acontece em suas vidas e como é percebida por eles entre o imaginário social.

Joaquim (2): A gente acompanhou esse crescimento junto com o nosso crescimento. A geração que está vindo agora já nasceu imersa nisso, então, crianças que nasceram em 2010, por aí, já nasceram brincando de tablets com dois anos de idade, sabe? Elas estão muito mais imersas nesse universo do que a gente. Eu acho que isso difere muito os nossos comportamentos e tal. Eles vão ser muito mais engajados nisso, com menos consciência de que isso pode fazer mal, sabe? Eu sei que a gente sabe que isso aqui (segura o celular) é algo incrível, mas é importante dosar, sabe? E essa geração não vai ter tanto essa sensação.

Arthur (2): Eu acho que o que mais pegou foi a integração dos *millennials* com a Geração Z. Quem está desde o “prezinho” podendo usar a internet, sabendo usar

celular e tal. A gente teve nossos valores formados, sabe? Tomou consciência daquilo. Aquilo chegou pra gente, a gente não nasceu com aquilo.

Lisa (1): Falam muito que a gente usa muito celular e não se relaciona com as pessoas por causa disso. Eu sou muito contra isso, primeiro que eu nem sou assim, “ah preciso responder naquela hora”, o que já incomoda muito os familiares mais velhos. Eu tenho que estar disponível o tempo todo, né? “Ela tem um celular”.

Analú (1): Sim, exato.

Lisa (1): E assim, se eu estou conversando com uma pessoa pelo *Whatsapp*, eu não vou ter menos vontade de encontrar com a pessoa, eu vou ter mais vontade de encontrar com a pessoa. Porque se a pessoa já é legal, por que eu não vou querer encontrar? Ou então, se você tem um amigo muito próximo, não o vê há maior tempão, pô, pra mim, me dá mais vontade de se encontrar. “Pô, a gente tem tanta coisa pra conversar, vamos se (sic) encontrar, vamos combinar alguma coisa”.

Luana (1): Mas eu acho que a questão é que as pessoas não se relacionam muito quando elas estão umas com as outras, fisicamente. Em um restaurante, você vê um casal, os dois no telefone, eles não estão se relacionando.

Lisa (1): Pois é, mas pra mim o problema não é o telefone, entendeu? O problema é o casal. Às vezes, eu estou assim com as minhas amigas e tal, e está todo mundo no telefone, mas a gente está interagindo com o telefone também. A gente olha um negócio e tipo, “cara, olha isso aqui”, e começa um assunto sobre aquilo ali. Não tem nada a ver com o telefone em si, é só um negócio que está ali, mas a interação é diferente. Agora, se eu estou com um cara, com o meu namorado, e não estou a fim de falar, eu não vou falar com ele com telefone ou sem telefone.

Janaína (1): Se o telefone é mais interessante que seu namorado na sua frente, o problema não é seu telefone, o problema é seu namorado, né?

Assim, notou-se que os participantes queriam expor a insatisfação sobre o que os adultos falam de sua relação com a tecnologia. As opiniões convergiram em uma tentativa de esclarecimento que eles têm consciência de que, a internet, principalmente, é uma aliada para a sociedade e que ela deve ser dosada. Sem deixar de citar que as duas gerações que os cercam, a anterior e a depois dos *millennials*, também merecem atenção sobre tecnologia. Para os entrevistados, os *xix* e os *boomers*, a usam de forma restrita, como redes sociais e aplicativos, explorando pouco as possibilidades que a internet oferece. Por outro lado, as crianças e adolescentes da geração seguinte, a Geração Z, não têm a vivência dos *millennials* em ter descoberto a tecnologia na infância ou adolescência. Para eles, os “zês” já nascem com a “mão na tela” e isso pode ser um problema no futuro. Outra discussão foi acerca do relacionamento entre os indivíduos se tornar mais distante por interferência da tecnologia. Os jovens enfatizaram que o maior problema não é a internet em si, mas o comportamento das pessoas que a

possuem. Isso, em certa medida, pode ser ponderado sobre qualquer aspecto do mundo, como, por exemplo, o consumo. A relação é a medida do humano com o que o foi inventado por ele mesmo. A medida é o que traz resultados positivos ou negativos.

Foi levantado, também, como ocorre a interação entre eles, os pais e as novas ferramentas tecnológicas. Alguns jovens expõem que os pais e avós são menos desenvolvidos do que eles, alguns com mais dificuldade e outros menos, mas todos os participantes consideraram que têm mais destreza para lidar com a tecnologia. Os jovens relatam que são solicitados para esclarecer dúvidas de pesquisas na internet, uso de aparelhos eletrônicos, entre outros. Parte se mostrou disponível para ensinar, enquanto outros participantes confessaram não ter tanta paciência. Além disso, um jovem relatou que é preciso deixá-los tentar sozinhos, caso contrário, nunca aprenderão e continuarão “dependentes” de ajuda.

6.1.3.

Relacionamento com outras gerações

Ainda com o respaldo do tema de tecnologia, o assunto de outras gerações surgiu naturalmente no grupo 1, sobre como os jovens lidam com a tecnologia e como são enquadrados nesse aspecto pelos adultos.

Camila (1): Eles falam que os *millennials* ficam muito com tecnologia, mas os adultos também, eu reparo, eles ficam com o celular na mesa.

Beatriz (1): Na minha família, meu tio, nossa...

Rafaela (1): Meu avô não sai do celular, cara.

Camila (1): E encaminham mensagens para o *Whatsapp* o tempo todo, corrente idiota. A gente fica, mas a gente fica fazendo coisas mais produtivas.

Analú (1): A gente faz coisas que fazem sentido pra gente e eles fazem coisas que fazem sentido para eles. O problema é que eles reclamam da gente e a gente não pode reclamar deles.

Os *millennials* se identificaram sobre como os familiares acreditam em informações de correntes e boatos que circulam na internet. Comentam que seus pais e avós acreditam nisso na maioria das vezes, ainda que aquela informação não passe em outros meios de comunicação mais tradicionais, como a televisão.

Em contrapartida, também há pais que não se sentem seguros com informações vindas da internet, ainda que os próprios *millennials* acreditem.

Também foi mencionada a questão de diferença entre as gerações. A intenção era entender em que medida os *millennials*, quando olham para a geração dos avós ou dos seus pais, acham diferenças em relação à sua. Outra vez, a tecnologia aparece naturalmente nesse tópico, comentam sobre a falta de controle que havia sobre os filhos nas gerações anteriores e como esse controle pode ser usado com tecnologia hodiernamente. Os participantes explicam, ainda, que compreendem o controle também muito relacionado com a falta de segurança que convivem na cidade.

Luma (1): Eu acho que eles esquecem que às vezes também foram jovens e querem que a gente seja adulto, como eles são agora. Quer dizer que quando eles eram jovens, eram muito parecidos com a gente e muitas coisas que eles faziam a gente quer fazer. E agora que a gente é jovem, eles querem que a gente tenha a cabeça deles de adulto, sabe?

Maria (1): Eu tenho muito medo disso, de ficar adulta e ficar totalmente contra a geração nova, porque agora, a gente acha que “ah não, a gente vai aceitar tudo quando for mais velho”. Mas meus pais também tinham uma visão revolucionária de querer mudar o mundo, de pensar ao contrário aos pais deles e hoje em dia, eles contestam várias coisas que a gente traz. E eu fico “cara, será que eu vou ser uma adulta assim?” Tipo, vai ter uma ideia muito nova e eu vou ter que ir aos poucos, que nem eles estão indo aos poucos?

Luana (1): É a novidade, né? Gera um estranhamento, uma dificuldade de aceitar, mas...

Lisa (1): Ela falou uma coisa que é verdade. Eu acho que a gente está mudando muito rápido, assim, eu acho que a gente se sente mais velho do que a gente realmente é porque as mudanças são tão rápidas.

Analú (1): Assim, isso do que ela falou de que os pais dela esquecem que foram jovens... Os meus pais não esquecem que eles foram jovens. Eles sabem que eles foram jovens, eles se lembram do que eles faziam quando eles eram jovens e eles não querem que eu faça a mesma coisa, porque eles têm medo. Então, eles tentam me tolher pra eu não fazer aquilo, então, não é que eles esquecem, é que eles lembram.

Foi notada empatia dos jovens em diversas partes da conversa, em que os contextos histórico e tecnológico eram levados em consideração, como uma “troca de papéis”, em que os adultos não se percebem fazendo o mesmo que os jovens, e estes se imaginando em possíveis situações, parecidas com seus pais. Sem pormenorizar, não foi notado um forte choque de ideias sobre a diferença de outras gerações ao seu colocarem em tais situações. Os *millennials* se mostraram

interessados em estabelecer uma conversa nesse aspecto. Assim, as comparações entre o “antes” e o “agora”, ora eram vistas com aproximação entre a juventude de seus pais e as suas, ora com certo distanciamento pelas possibilidades hodiernas disponíveis apenas a partir da Geração *Millennials*, principalmente ligadas à internet.

6.1.4.

We all want to be young

O vídeo da *We all want to be young* teve o papel de resumir as informações acerca da Geração *Baby Bombers*, *X* e *Millennials*. Dessa forma, foi possível garantir que os participantes tivessem embasamento nas discussões. Muitos dos jovens já tinham lido ou escutado sobre tais gerações. No entanto, para uma certificação de que todos tivessem incluídos no debate, foi compreendida a necessidade de sua exibição. Ao passar os vídeos em ambas as sessões, poucos pontos geraram identificação, ainda que as questões levantadas sejam importantes para os *millennials*. Ainda assim, alguns se identificaram parcialmente com algumas questões.

Maria (1): Eu ia falar, “gente, em que mundo eu estou, que eu não estou vivendo isso?” Porque todo mundo fala, melhor época da vida, melhor não sei o que e eu pelo menos não sinto que estou vivendo a melhor época da minha vida. Parece que a gente está sempre esperando pra viver a melhor época da vida. Quando eu vejo isso, eu fico, “cara, as pessoas estão tão felizes, tão livres que, o que eu estou fazendo aqui”, sabe?

Amália (1): É igual rede social, tá todo mundo feliz.

Beatriz (1): Parece que todo dia é festa, o pessoal sai com os amigos e bebe. E usam drogas.

Lisa (1): Acho que até o jovem quer ser jovem, né?

O vídeo romantiza uma vida juvenil que não é a realidade de grande parte dos entrevistados, provocando uma nostalgia do que não foi vivido, conforme a última fala. Giddens, por sua vez, afirma que os estilos de vida são impostos ao indivíduo de modo que ele necessita participar de algum, não porque seja obrigado, mas pela necessidade que ele sente de participar de um estilo para se apoiar e conseguir produzir suas narrativas, dizer quem ele é. Sendo assim, o

estilo de vida é um conjunto de práticas realizadas pelo sujeito, as quais dão forma a uma narrativa de sua auto-identidade. “(...) nas condições da alta modernidade, não só seguimos estilos de vida, mas num importante sentido somos obrigados a fazê-lo” (GIDDENS, 2002, p. 79). Certamente, cada um dos participantes do grupo focal tem seu estilo de vida, mas não se reconheceram primeiramente nos valores citados como gerais a toda juventude. As atribuições e pressões que estes jovens possuem no cotidiano os afastam do perfil de jovem, irresponsável e de bem com a vida, o que provocou a falta de identificação sobre o que é dito pelos meios de comunicação, seguido de frustração em algumas falas, por não alcançarem seus objetivos e também não aproveitarem “o melhor da idade”. São discursos que provocam reflexões e ansiedade, como será visto a seguir.

As reflexões de Guita Grin Debert (2001 e 2010) também podem contribuir em tais falas, sob o prisma de que a juventude ultrapassa o simples recorte etário, mas se tornou um valor social e que, nesse caso, os próprios jovens não se reconhecem no valor de juventude criado. Os estilos de vida expostos no vídeo não atingiram a identificação dos entrevistados.

6.1.5.

Mercado de trabalho

Há uma grande discussão sobre os *millennials* e o mercado de trabalho, como será possível observar no próximo capítulo, pela quantidade de livros relacionados ao assunto no Brasil. Dentre os discursos sobre a geração, acredita-se que estes não conseguem terminar os projetos que iniciam, são preguiçosos e têm dificuldades em aceitar ordens. Este foi um ponto bem discutido entre os grupos focais, pois é uma das maiores críticas à geração dos *millennials*.

Analú (1): Eu gostei também da parte do vídeo que falou sobre trabalho, que a geração anterior era muito competitiva e a nossa geração não quer um trabalho hierárquico na empresa. Não quer ficar no computador o dia inteiro, quer uma coisa mais diferente e flexível, eu vejo isso, sabe? A gente não quer trabalhar na melhor empresa, mas prefere trabalhar em um lugar que tem um escorrega no meio e tenha uns *puffs* coloridos, do que trabalhar na melhor empresa, 10 horas por dia e ganhar muito dinheiro. Eu sinto na nossa geração mais essa vontade de ser feliz e trabalhar em um lugar mais legal assim. Unir prazer e trabalho do que

necessariamente ganhar muito dinheiro no final do mês e trabalhar em um lugar muito grande.

Lisa (1): É porque a gente não é uma geração competitiva e a gente não tem nenhum problema em compartilhar, conhecimento e coisas.

Beatriz (1): O meu primo estava doido pra entrar em uma multinacional. Só que ele tinha que ficar lá tostando. Ele fazia tudo o que mandavam ele fazer em duas três horas. E ele não podia ir para casa, ele tinha que ficar as 8 horas porque ele é obrigado a ficar no escritório só pra marcar hora, sabe? E aí, ele mesmo se demitiu, porque não era o que ele queria, ele lutou muito pra entrar em uma empresa boa, sabe? Mas ele falou: “cara, não é o modelo que eu quero de trabalho”.

Caetano (1): Foi meio o que aconteceu comigo. Eu trabalhava em uma agência de publicidade pequenininha, só que começou a pegar clientes cada vez maiores e a agência começou a crescer cada vez mais e todo mundo ficou feliz, mas era o oposto do que eu queria e eu também me demiti.

Elena: E o que você queria?

Caetano (1): Fazer o que eu estou fazendo agora. Abri um negócio pra mim e estou trabalhando com cliente pequeno, que eu sinto uma coisa mais orgânica, mais relevante. Eu não sei, eu acho que cada vez menos as pessoas querem trabalhar em uma empresa tipo a Coca-Cola e mais por prazer, que você se identifique.

Beatriz (1): Acho que é meio dividido, isso de você querer abrir uma coisa própria, abrir o seu negócio ou trabalhar em uma empresa grande.

Lisa (1): Mas eu acho que a gente tem que acreditar minimamente no que a gente está fazendo.

Caetano (1): É, não precisa ser abrindo, mas uma empresa que você se identifique.

Lisa (1): É muito difícil achar alguém da nossa geração que venda a alma para o diabo, sabe? Tipo, eu sei que essa empresa é muito ruim e eu vou trabalhar com ela mesmo assim. A não ser que eu seja uma pessoa muito ruim, mas aí alinha, ou precise muito de dinheiro, mas eu estou falando de almejar mesmo, não de precisar, se pudesse escolher.

Clarisse (1): Eu, por exemplo, não nasci para trabalhar 12 horas por dia, bater ponto, eu não sou assim, nem querendo, nem fazendo muita força eu sou assim. E eu comecei a pesquisar e é muito mais produtivo você fazer o que você quer a hora que você quer para ter *insights* sabe. É você catalisar as suas energias para o que realmente vai fazer a diferença.

Lisa (1): E eu imagino que em nível de gestor, quem tem papel de líder de uma equipe jovem você tem que ser muito flexível. Com as diferentes formas com que as pessoas fazem o trabalho delas. E tem gente que prefere uma coisa mais quadradinha porque se sente mais à vontade. Tipo, cada um é de um jeito, né? E a pessoa que lidera uma equipe dessas tem que ter essa noção assim, porque é tudo muito diferente.

Nesse momento, os participantes começam a explicar qual seria a empresa dos sonhos de cada um e o motivo. Atualmente, estão participando de processos

seletivos nos quais os recrutadores tentam criar um clima menos formal. Eles percebem que isso é uma forma de aproximação. De forma geral, todos demonstram que o clima do ambiente de trabalho é essencial, assim como se o que fazem gera algum tipo de impacto, se faz a diferença.

Luana (1): Acho que isso é de gerência para gerência. Eu estou estagiando em um lugar que, assim, não tem tobogã, não é bem pago, mas é um ambiente super agradável. Nunca peguei cafezinho, sabe? Eu já tive que responder e-mails mega importantes na terceira semana.

Analú (1): É, eu acho que é justamente o que você falou, não precisa ter um tobogã, o tobogã é uma exemplificação, mas é isso, entendeu? O que falou no vídeo, a gente não quer essa coisa da hierarquia. Óbvio que vai ter uma hierarquia, mas a gente se importa muito com a *vibe* do lugar, entendeu? Se o lugar é legal, que tratam bem as pessoas, não tem aquele negócio do chefe babaca.

Beatriz (1): Que a gente se sintam bem.

Diante de tais opiniões, percebe-se que os grupos enfatizam o clima no ambiente de trabalho, assim como a importância para gerar impacto, provocar mudanças e algum tipo de flexibilidade, fatores relevantes na hora de escolher um emprego. Os jovens priorizaram a relação entre os colegas de trabalho, o chefe e o gostar do que se faz como itens mais importantes do que o salário em si. Nesse sentido, o novo ambiente de trabalho almejado não é carregado de padrões estabelecidos nas gerações anteriores aos *millennials*. Conforme citado pelos jovens, algumas empresas já pensam sob tal prisma, sendo estas as donas dos empregos de seus sonhos. Em contrapartida, as que ainda seguem os padrões mais tradicionais e que não se integram com as ideias desviadas de ambiente de trabalho são citadas como “empresas quadradas”.

6.1.6.

Ansiedade

Os grupos concordaram que vivem sob ansiedade em algum aspecto na vida. Também foi citada uma projeção vinda dos pais, para que consigam alcançar determinados objetivos e de maneira muito rápida. Sentem essa pressão social e também de si mesmos, sobre suas conquistas e frustrações.

Camila (1): Eu fiz 20 anos agora, eu estou tristíssima com meus 20 anos, porque está passando tão rápido e não parece que tem esse mesmo jeito de ser jovem assim. Você tem que fazer um estágio, tem que ter um trabalho. Eu quero fazer isso pra sentir que eu estou realmente fazendo alguma coisa que vai me gerar frutos. E enquanto eu não conseguir estágio? Sabe, o que eu estou fazendo? É aquela sensação de impotência, eu já tenho 20 anos e não tenho um estágio, não tenho um trabalho.

Lucas (2): Eu acho que essa é uma geração de grandes planos e muito ansiosa. Ela tenta colocar em prática, mas não consegue, tem muita expectativa.

Betina (2): Eu acho que a gente foi criado para ter o mundo nas mãos. Eu tive tudo o que meus pais não tiveram e me deram muito. Então, eu acho que se eu não conseguir alguma coisa lá na frente, eu vou ficar muito frustrada.

Lucas (2): E não tem paciência para percorrer o caminho também, chegar lá. No jogo da vida, quer pular as casinhas. Isso eu acho que vai ser um problema para o mundo, porque cada vez mais informação, gera mais ansiedade.

Moderadora 2: E contra isso vocês fazem alguma coisa?

Joaquim (2): Eu não faço nada, mas eu vou fazer, porque eu sei que eu sou ansioso pra cacete. Mesmo que eu alcance o meu objetivo, eu sei que eu vou ser frustrado, porque você sempre está sonhando mais alto e querendo tudo.

Betina (2): Mas eu acho que a gente é de uma geração que enjoa das coisas muito rápido, as coisas são muito descartáveis, sabe?

Heloísa (2): Também acho.

Betina (2): Hoje eu vou querer uma coisa, amanhã eu vou querer outra, sabe? E se eu conseguir a de hoje, eu vou estar insatisfeita.

Pergunto sobre a escolha do curso, aparentemente um assunto engraçado para a turma, muitos falam ao mesmo tempo. De modo geral, a maioria está no segundo curso e até terceiro, na graduação.

Joaquim (2): Ninguém está certo ainda (risos). Cara, cada um seguiu um caminho, eu comecei Engenharia, parei do terceiro período, eu vi que estava chato pra caramba, depois mudei para Administração, depois mudei para Marketing e agora estou no terceiro curso, com 19 anos.

Durante a técnica projetiva do grupo da ESPM-Rio, a palavra “ansiedade” apareceu e um participante falou um pouco mais sobre o assunto que acabara de discutir. A partir dessa fala, as pessoas falaram as palavras “problematização”, “descrença”, “ilusão” e “frustração”.

Joaquim (2): A gente acha que a gente está vivendo na melhor idade, no melhor momento, mas eu nunca me senti tão ansioso, por a gente ter muita coisa esclarecida, a gente tem milhões de problemas internos. E apesar de falarem que a gente está na melhor idade, tendo que aproveitar muito bem, a gente está *fodido* de cabeça sabe. A gente não sabe o que quer da vida, sonhando muito alto e acaba que a gente não alcança. E eu fico pensando muito nisso: “cara, eu acho

que tá todo mundo meio iludido”, é ilusão a palavra. E é uma *merda* pensar assim, porque só colabora com a nossa ansiedade. Eu não sei quem falou descrença, mas eu acho que tem muito a ver com a gente estar na flor da idade e achar que tem que aproveitar muito e ser feliz para caramba e a gente acaba se frustrando.

Joaquim discorre sobre um assunto confuso para os jovens. Os valores de alegria e liberdade tão ligados à juventude estão juntamente atrelados ao momento de descobertas, decisões em que estes começam a traçar o futuro. Os jovens carregam a pressão de “fazer a escolha certa”, somada ainda a “não poder errar, porque precisa ser feliz”. Há uma insegurança pela frustração no futuro, por grande parte dos participantes, um anseio por chegar a algum lugar. Ana Enne contextualizou aqui a pressão a que os jovens muitas vezes são submetidos e seus próprios problemas juvenis também devem ser considerados. “(...) tem custo enorme e grande possibilidade de frustração” (ENNE, 2010, p. 24). Os *millennials* vivem tal paradoxo lidando com ansiedades e frustrações, tendo a consciência de esta ser a melhor fase de suas vidas, de acordo com os adultos.

6.1.7

Mudança social

Ao tocar em aspectos de mudança social, o valor para o qual mais se buscava respostas, os jovens *millennials* levantaram duas questões norteadoras. A primeira parte de um princípio que a geração não é a mais engajada socialmente em comparação às anteriores. E isso se atribuiu em boa parte a uma descrença na política. Em contrapartida, foi notada em ambos os grupos uma maior disposição para movimentos sociais de menor escala, associado a pequenas causas.

Luana (1): Na geração do meu pai e da minha mãe, eles eram muito mais voltados a mudar.

Analú (1): Mas olha o que eles tinham que lutar.

Lisa (1): Mas eu não acho que é só isso, era uma luta mais ampla. A gente tem causas menores que a gente é muito engajado. São muitas coisas, pra gente, as coisas dividiram muito. Eu acho que eles tinham uma causa maior que todo mundo se identificava, era muito mais amplo, muito mais forte, mas a gente... Eu não acho. Eu faço várias coisas, mas não são pequenas, são causas, sabe? Eu não vou levantar a minha bandeira ambientalista, Amazônia e tal, mas tem coisas que eu faço no dia e que mudam a vida e que são formas diferentes de lutar pelo o que você acredita.

Caetano (1): Mas não quer dizer que uma é mais importante que a outra. Sei lá, nos anos 60, em Paris tinha a questão da juventude, da desigualdade e tudo mais... Abertura de voto. Pra gente, já é outra [questão], porque a gente já tem isso com a gente.

Lisa (1): Isso sim, a gente já tem isso. Assim como provavelmente a geração dos nossos filhos já vai lidar melhor com o preconceito LGBT, porque a gente está lutando nisso.

Maria (1): Não é só isso, não é que a tecnologia muda os jovens, mas muda a forma como a gente se relaciona com o mundo. Hoje em dia, a gente tem muito mais voz, antigamente eles não tinham, então como é que eles tinham voz? “Vamos se (sic) juntar e vamos para a rua”. Hoje, a gente tem o nosso *Facebook*, a gente posta alguma coisa e é compartilhado por milhões.

O grupo da ESPM-Rio aprofundou o debate em questões políticas, diretamente ligadas ao tema de mudança social. As Jornadas de Junho foram citadas durante a discussão por um jovem que participou das manifestações. Durante os depoimentos que envolviam política, notou-se ceticismo e desesperança, ao mesmo tempo em que alguns, ainda que concordando com a mudança lenta, incentivavam os outros.

Joaquim (2): A gente sonha muito mais alto do que macaco velho, sabe? A gente sente muito mais poder em mudar do que pessoas mais velhas, eu acho. Eu tô pensando muito nas manifestações que tiveram em 2013.

Elena: As Jornadas de Junho.

Joaquim (2): É, em 2013, eu tinha 15 anos e eu estava “mó” engajado, com “mó” vontade de ajudar e mudar as coisas. Uma galera da mesma faixa etária que eu, tipo, “vamos mudar o país e não sei o quê”. E as pessoas mais velhas estavam achando muito foda aquilo, mas estavam, “cara, vai mudar pouca coisa, sabe, e vocês estão sonhando à toa”. A gente sonha alto e tem essa gana das coisas, mas eles estavam assim, eles não iam para a rua porque sabiam que não ia mudar nada, sabe? E sei lá, eu tomando gás de pimenta na cara e eles cagando como se fosse por uma vontade própria [minha].

Leo (2): Porque mudar o mundo é uma coisa muito abstrata. Acho que isso é uma ilusão, não é pra ficar parado, claro, mas eu particularmente já me desiludi de que quero fazer algo grande pelo mundo porque eu não vejo empirismo nisso. Eu não tenho a ilusão que aquilo vai causar uma grande transformação no mundo, já não tenho esse sonho, entendeu? Se a gente parar para pensar na quantidade de pessoas que foram para rua, aquilo ali foi outro nível mesmo. Mas olha como que está agora, a quantidade de dinheiro, mano, se parar para pensar o negócio não é a gente. Não é a gente chegar lá e quebrar, como fazem, o negócio tá muito mais acima. A gente mudar é um passo, mas são os caras (políticos) que têm que mudar e os caras não querem mudar. Por isso que eu falo eu acho que eu perco o meu tempo aqui no Brasil. Eu já conversei isso com os meus pais, eu quero sair do Brasil, eu quero me mudar, é um projeto de vida meu, terminar a faculdade e sair fora.

A discussão continuou ao ritmo de temas relacionados à corrupção e dificuldades burocráticas para liberar facilidades para a população.

Leo (2): E você olha e pensa “um *filho da puta* desse me representa” (político), o que que eu vou pensar do meu país? Sabe, qual é? Mano, eu penso muito assim, *brother*, porque nossos pais tentaram mudar, a gente vai tentar mudar, nossos filhos vão tentar mudar e essa *porra* aqui não vai mudar.

Lucas (2): Eu acho que tem que ser aos poucos também, né?

Leo (2): Mas, mano, aos poucos é o quê? A gente morrer, eles morrerem, os filhos deles morrerem?

Joaquim (2): As coisas estão mudando e assim como a tecnologia está crescendo de forma exponencial, as mudanças vão crescer de forma exponencial. As pessoas estão cada vez mais engajadas a ver o que está acontecendo e tal. E esse excesso de informação que a gente recebe é benéfico nessa parte, as pessoas estão ficando mais expostas.

Leo (2): Brother, eu estou na flor da minha idade, entendeu? Se eu tenho a oportunidade de estar em um lugar bom que as coisas já estão acontecendo, eu quero participar, entendeu? É essa a minha visão.

Rômulo (2): Ele quer pronto, enquanto tem gente querendo batalhar.

Moderadora 2: Não tem certo ou errado, é o seu modo de encarar.

Lucas (2): Eu acho que mudança social não precisa ser megalomaniaca sabe? Não precisa salvar o país. Pô, sei lá, só de estar ajudando a comunidade de Niterói (RJ), um orfanato, sabe? Basta uma forma positiva, tá ligado?

Leo (2): Claro.

Lucas (2): Cara, alguém achar que vai mudar o mundo é bonito, mas é ingênuo também, mas às vezes você faz um bem pra uma pessoa que ajuda, sabe? É alguma coisa.

Foi percebido que, ao se tratar de política, os jovens não exercem com tanta firmeza o sentimento de esperança no futuro, valor comum à juventude no senso comum. A força de movimentos de massa juvenil contra o governo não é a grande característica da geração. O acesso à informação a qualquer momento, como na internet, com escândalos políticos ligados à corrupção despertaram falas nos participantes de descrença na mudança, no que diz respeito à política. No entanto, o movimento em direção à mudança social não deixou de ser praticado pelos jovens, mas sim, percebido socialmente. Tal geração, que afirma ter valores próprios muito bem definidos, se envolve em projetos que realmente têm a convicção e certeza de sua finalidade. E, de fato, os *millennials* não encontram ambas na política hodierna.

6.2.

Entrevistas em profundidade

Tal ponto da pesquisa possibilita compreensão ainda mais imersa no universo dos *millennials* sob seus pontos de vista, assim como a visão de mudança social para eles. Admite-se que tais jovens vivem no contexto do Rio de Janeiro, sob a cultura brasileira, ainda que todos os entrevistados possuam experiências com juventudes de outros estados e países. Ainda assim, os *millennials* cariocas expuseram questões para além de um espaço físico, que ultrapassam caracterizações e moldes.

6.2.1.

O especialista

No dia da realização do segundo grupo focal, havia um cartaz na ESPM-Rio sobre uma semana de palestrantes convidados, dentre eles, Alex, o especialista que já estava agendado para entrevista. Ali, naquela instituição, falaria sobre pesquisa de mercado.

Alex escolheu um café, no Shopping da Gávea, para a conversa. Ele foi indicação da professora que cedeu a turma de grupo focal, na PUC-Rio. No dia e horário combinados, chegou um rapaz de tênis, meias estampadas de cano médio, bermudas, camiseta e óculos escuros de estilo retrô. Estava diante do especialista *millennial*. A descrição é válida apenas para apresentar a desconstrução de qualquer estereótipo clássico de um “especialista”. Ali, Alex não estava vestido de palestrante, nem de consultor. Em suas apresentações sobre pesquisa de mercado, o vestuário é mais formal. Os contatos realizados por telefone anteriormente com Alex garantiram sua desconstrução e aproximação. No shopping, ele era apenas um jovem que iria contar sua experiência profissional com outros jovens, o que torna fundamental sua escolha para essa pesquisa.

O entrevistado falou de sua trajetória, como chegou ao trabalho que faz atualmente. Contou que participou, em uma instituição de educação, de um trabalho voluntário, em que passou por todos os cargos possíveis, começando como monitor de crianças e acabando como coordenador de diretor continental.

Depois dessa experiência, virou “coordenador de encantamento”, em uma marca de roupas. Dali, foi trabalhar em um *coworking* e, em seguida, foi convidado a integrar a equipe da BOX 1824. Atualmente, trabalha em rede.

Alex: Esse ano eu separei para trabalhar mais em rede, que é um pouco mais do que ser *freela*. Ser rede é você carregar toda essa mentalidade de trabalhar com um propósito, relevância e impacto muito bem definido com seus parceiros. Onde a relação de troca é muito bem estabelecida, mais flexível. É como se eu estabelecesse prazos em diferentes parceiros. Existe uma demanda minha muito natural que é multiplicar redes, conversar com o maior número de pessoas o tempo inteiro. Do mundo da televisão, do mercado financeiro, do mercado criativo, artistas, pessoal do mundo acadêmico. Então, comecei a conversar muito com essa galera, muito numa demanda de que existem poucos tradutores entre esses mundos, as redes são totalmente isoladas. E como é que a gente pode agir como alguém que está tecendo redes e pingar dentro de cada um? É muito orgânico, não tem resposta e não é fácil. É isso que eu faço.

(..) cada semana é uma semana para mim. Então hoje, eu tô num projeto bem mais fixo dentro de uma empresa que é uma rede também. Essa empresa é um ecossistema criativo discutido com várias empresas dentro dela. Então, a gente tem um braço de agência, um braço de vídeo, um braço de pesquisa, um braço de desenvolvimento humano e cultura, que é onde eu estou.

Após explicar a forma de trabalho que atua no momento, Alex complementa que não faz projeções a longo prazo, pois o mercado de trabalho vive um período de contratações sob demandas. Hoje, ele trabalha aberto a novas possibilidades, com mobilidade de estado, tendo como principal objetivo projetos de impacto e relevância. Busca por questões que enfatizam o desenvolvimento humano, a criação de cultura e educação dentro de grandes metrópoles, e também foca na importância de estar conectado às possibilidades de automatização do mundo tecnológico.

Ainda falando sobre trabalho, Alex comenta sobre a *expertise* com o assunto “juventude”. Acredita que grande parte dessa aproximação se deu pela empatia e pelo seu lugar de fala, afinal ele também é um *millennial*. Para ele, o lugar de fala é essencial para a discussão.

Elena: O que você acha dessa mistura de gerações com o ambiente de trabalho?

Alex: Ótimo, tem que sempre existir.

Elena: Mas como você vê essa relação, dá certo de ambas as partes, sobre hierarquias...?

Alex: O mercado está aprendendo ainda sobre hierarquia. A gente está indo para uma morte, para a quebra de hierarquias muito forte. É um movimento ainda que

está emergente, bem embrionário, só que a troca de relações, ela está começando a ser mais troca e não ser mais uma coisa dada. Existe um movimento de cima para baixo e tanto de baixo para cima, mesmo. Tipo, eu sou um cara de 25, 30 anos, que acabei de entrar em uma multinacional e eu vou lá receber a mentoria do diretor de 40 [anos]. Por que não eu, de 25, 30 anos, não posso dar uma mentoria para o cara de 40 anos sobre coisas que são do meu mundo? Então, existe esse retorno muito forte e essa é uma realidade em muitas empresas, que chama mentoria inversa. Que é mentoria não pela experiência, mas pelo lugar de fala.

(...) eu nunca entendo quando eu vejo uma palestra sobre Geração Y, aí uma porrada de gente de 40 anos. “Gente, quem são vocês pra falar?”. “Ah, não, eu estudo muito”. Tá, você estuda muito, mas você não é, existe um abismo muito forte. Então, o jovem que estuda jovem, trabalha com jovem e convive com jovem tem muito mais propriedade pra falar, ponto. Não tem discussão. É que nem homem querer falar sobre feminismo: “não, amigo, você não pode falar sobre feminismo, você não é mulher”. Não tem como um hétero falar sobre questões de *gay*: “não, amigo, não é assim, você não ocupa esse lugar de fala”. Então, pra mim, a mudança social, os estudos de jovem, ele parte do lugar de fala. A gente não precisa criar o lugar de fala. É entender o lugar de fala do outro.

Após seu posicionamento, Alex chega a um ponto importante da pesquisa: a ligação de mudança social e juventude, especialmente os *millennials*.

Alex: Acho que um dos pontos muito importantes para a transição é a diversidade para se alcançar o social, é você criar, você democratizar o acesso. Pra mim, a mudança social é muito por isso: de como você cria acesso, quando você acaba com lugar de privilégio. Você, que no lugar de representatividade é muito, porque você destrói as bolhas e cria grandes ecossistemas de conversa que dialogam entre si, sempre trazendo diferentes modos de pensar, lugares de fala e cria uma autenticidade em cadeia muito forte para eles. É muito básico, é representatividade, de você criar: “putz, eu posso chegar ali, esse cara de fato, é isso aí, ele me representa”. Então, vamos criar um programa aqui de jovens para jovens da Periferia do Rio de Janeiro, por exemplo. Tem que colocar jovem da periferia para apresentar esse programa, é óbvio, é básico.

Elena: Você já leu sobre *millennials*, deve saber bastante coisa, né?

Alex: Somos, né? Estamos lendo sobre nós todos os dias.

É perguntado o que ele acha dos discursos acerca da Geração *Millennials*, especialmente no ambiente de trabalho, já que convive com ambos os lados: os adultos e os jovens, e intitula seu trabalho como “ponte” entre tais mundos.

Alex: O mercado de trabalho está mudando e a culpa não é do jovem se quem está no mercado de trabalho não está se adaptando. Acho que as relações estão mudando. Não existe culpado; existe mudança, é isso que existe. Agora, como todos de forma 360 podem trabalhar para entender a mudança e acelerar a evolução. É isso, entendeu? “Ah, vamos fazer uma mentoria inversa”. Não é só o jovem, é o jovem e a pessoa não tão jovem. As pessoas não querem mais ficar 5 anos, 10 anos, na mesma empresa, ela quer ficar 3 anos e ela vai embora, e aí? “Ah, o jovem é assim”. Não, cara, o mercado é assim hoje em dia. É muito fluido, é muita demanda, as coisas mudam muito rápido, a gente vive em um

cenário totalmente volátil, totalmente incerto, então, as coisas mudam. Não existe mais você prever o cenário do futuro, as chances da sua previsão estar errada são de 90%.

(...) quem mais tá percebendo isso em primeiro lugar acho que são as empresas de tecnologia. O tempo médio, nos Estados Unidos, que alguém se estabelece uma empresa de tecnologia é de 3 anos e meio, mais ou menos. Isso quer dizer que eu tenho três anos e meio para botar esse cara para dentro, treinar ele com a minha cultura, as técnicas que ele ainda não tem, fazer ele amar a minha empresa, entregar tudo que ele tem, performar, crescer, me dar resultado, trazer novas pessoas, crescer a área, crescer a empresa e vazar. Eu tenho agora um intervalo de 3 anos e meio. Então, como é que o mercado se adapta para receber esse cara? Hoje é muito mais sobre isso, quem manda não é o mercado, quem manda são as pessoas.

Elena: Entendo, mas também é dito que a empresa investe naquele funcionário...

Alex: Ela vai seguir investindo, só que ela tem que entender que aquele investimento vai para um lugar depois. Assim como alguém também foi investido. Esse é o fluxo.

(...) o lugar onde eu trabalho hoje é uma empresa que é totalmente flexível. Então quais são os códigos que você traz, eu tenho o código do *dress code* informal, eu tenho o código da quebra de hierarquias onde eu falo com o *CEO*, eu falo com o meu diretor, sem fazer, sabe? “Ai, pra falar com o gerente de Elena, eu preciso passar por quatro caras, 15 e-mails”. *Pô*, chega logo na Elena, entendeu? Vai lá, cara, fala direto, não tem problema”, entendeu?

Ainda conversando sobre o mercado de trabalho e como os *millennials* são vistos nesse espaço, Alex falou, nesse sentido, sobre o senso comum de que o jovem deve aproveitar a vida, largar o que não lhe agrada e trabalhar apenas com o que ama. No entanto, o especialista ressalta que o jovem também precisa trabalhar e ter garantia para sobreviver financeiramente, ter estabilidade para poder desfrutar do estilo de vida que se identifica.

Alex: As pessoas entenderam que não é “trabalhe com o que você ama e você vai ser feliz pra caralho, não é assim, calma, não é sobre largar o emprego, entendeu? Pera aí, cara, o Brasil não é assim não”. Não é todo mundo que pode largar o emprego e fazer *brownie*. Quantas pessoas no Brasil podem largar o emprego para fazer *brownie*, entendeu?

Tais reflexões percorrem questões citadas por teóricos antes referenciados, como Giddens e o que o autor entende por “estilo de vida”, como já foi visto, assim como a identidade fragmentada, de Hall. Mas, principalmente, contribui para comparações nas falas dos próprios jovens *millennials*, conforme será visto.

6.2.2.

Os jovens *millennials*

A partir de oito entrevistas em profundidade, foram relacionados assuntos que são destacados, pela imprensa e por alguns pesquisadores, como no próximo capítulo, como características dos *millennials*, assim como nos grupos focais. Outros assuntos também foram explorados com mais riqueza de detalhes do que a atividade em grupo; por fim, as entrevistas seguiram os temas: a relação de trabalho e prazer, perspectivas para o futuro, relação com o meio ambiente, política, tempo, trabalho, tecnologia, ansiedade, mudança social, se eles se consideram *millennials* e novas trajetórias.

6.2.2.1.

Muitas vidas e tantas histórias

Para compreender a trajetória dos jovens entrevistados, foi solicitado que contassem um pouco das suas histórias. Ainda que seja difícil encontrar semelhanças entre as vidas de cada indivíduo, alguns aspectos eram comuns em suas falas.

A passagem pela faculdade é um ponto de referência para grande parte desses jovens, ao contar como chegaram e onde estão atualmente. Os que não começaram o relato pela graduação, mas pela infância, colocaram o ensino superior como um marco: “antes” e “depois”, ainda que sem perceber. Isso não significa que o período na instituição tenha sido positivo para o jovem, mas, notoriamente, foi um momento importante. E a partir desse prisma, observa-se que a passagem pela escola pouco foi citada, assim como as relações de amizade desses anos. Os poucos fatos citados a respeito do período da infância estavam diretamente ligados ao que mais tarde os levariam às reflexões sobre mudança social ou vida profissional.

Especialmente os jovens escolhidos, que praticam algum tipo de movimento no sentido de uma mudança social, demonstraram o seu envolvimento

com tais atividades naturalmente. Não souberam especificar um primeiro momento de aproximação com causas sociais.

Os trechos abaixo são recortes desse primeiro momento onde contam um pouco sobre si, suas histórias, pensamentos em geral, à vontade. São perfis diferentes, vivências mais ainda. Mostram aqui suas singularidades, comuns a todo ser humano.

Alonso: Antes de escolher faculdade, eu desenhava em casa e sempre gostei disso e esporte, mas chegou a hora de escolher a profissão. Meu pai é da marinha e eu lembro claramente que ele falava de todas as engenharias.

Clara: Teve uma vez que a nossa casa na favela foi assaltada e minha mãe ficou muito preocupada. Eu ia crescendo e as pessoas que participavam do tráfico viam que eu estava sozinha, então, começavam a mexer, adolescente ganhando corpo e tudo mais. E ela começou a ficar muito preocupada, porque eu ficava muito tempo sozinha em casa e ela disse: “a gente precisa sair daqui, eu não quero que a Clara cresça aqui, eu estou com medo que aconteça alguma coisa e tal, e a gente precisa apertar e dar um jeito”. E nisso a gente se mudou e *fomos* (sic) morar em Madureira, que é onde eu moro hoje.

Bernardo: Por mais que eu goste muito do que eu faço, eu queria contrabalancear, isso serve para dormir mais tranquilo à noite.

Laís: Antes de terminar a faculdade, eu fui morar em Israel seis meses para estudar sobre o conflito no Oriente Médio. E aí, depois eu viajei seis meses na Ásia. Lá foi um sonho realizado, as pessoas achavam que eu era louca, porque eu larguei seis meses de faculdade e fui viajar. Enfim, mas eu tenho isso como coisa de vida de que eu preciso viajar e conhecer pessoas e lugares diferentes, sair da minha zona de conforto, desafios e eu acho que é uma coisa de autoconhecimento. Ano passado eu fui para o Quênia fazer uma pós-graduação em inovação social.

Rafael: Meus pais são separados desde que eu tenho 3 anos de idade e foram dez anos de divórcio litigioso, mas minha mãe é casada desde os meus cinco anos com o meu padrasto, que é quem me criou, me sustenta e me dá todos os artifícios, então é meu pai. Meu pai eu não falo muito, ele também tem outro filho, então meio que perdeu o contato, a família do meu pai eu não vejo muito. Eu não tenho muito esse apego com família, eu tenho apego com as pessoas que moram comigo, com o meu núcleo familiar, mas com a família, em geral, não tenho.

Érico: Às vezes, eu fico nessa de querer participar de várias coisas, vários projetos ao mesmo tempo e vezes, eu fico nessa de não fazer nada. Quero poder fazer isso tudo, mas eu acho que o futuro reserva muita coisa interessante para a gente.

Cadu: As pessoas até hoje me perguntam assim: “cara, como é que você ganha dinheiro? Como é que você vive? Como é que você come?”. Parece que você é um alien. E tipo: “eu tô aí, tô vivendo de arte, né?”.

Luana: Eu tenho uma mãe que teve empresa de evento a vida inteira praticamente. Hoje em dia, trabalha na Petrobras, graças a Deus, e ela fala que

nada melhor do que uma estabilidade. Mas ela tem dia que trabalha 12 horas, então eu sempre estive em um mundo que o trabalho é quando tiver, então, assim, quando tem trabalho, eu vou.

A trajetória de vida de cada um mostra para além de um recorte histórico de quando nascera. O contexto de vida pontua as entrevistas para compreender questões discutidas sobre a sua geração. Tal reflexão também foi levantada nos grupos focais por uma participante: o modo de encarar a vida seria o mesmo para histórias diferentes?

6.2.2.2.

A mudança no *millennial*

Foi perguntado se existe um momento em que aconteceu a vontade de colocar em prática a mudança em que acreditam, como uma espécie de epifania. Em alguns casos, ela estava ligada diretamente ao rompimento com o antigo emprego e com a viabilização da nova atividade. Em outros, os projetos de cada um são realizados paralelamente aos seus trabalhos. Em todos os casos, foi remetida uma ideia de “ganho de consciência”.

Alonso: Eu já me incomodava empresas com essas linhas, [que] é só um canal para as pessoas ganharem dinheiro. As empresas crescem e ganham dinheiro, e dentro da empresa, as pessoas brigando, eu não via muito sentido nisso.

(...) a galera que estudou comigo vê essa mudança [em mim], porque mudou até a fisionomia, eu tinha que ir engomadinho, camisa pra dentro da calça, o *dread* eu já estava deixando crescer, foi meio que um processo até físico de libertação.

Bernardo: Em 2015, um amigo meu que é fotógrafo perguntou se eu tinha uma ideia para um projeto. Eu sempre quis fazer alguma coisa, tipo fotografar as pessoas e contar uma história. Mas não queria fazer sobre histórias aleatórias e eu dei a ideia para a gente fotografar pessoas e entrevistar qual é o seu livro favorito e motivo. A gente queria quebrar estereótipos, tipo, que o menino que trabalhava com a gente ele é todo tatuado e o livro favorito dele é a Bíblia. A gente falou, “é, se a gente encontrar mais pessoas assim vai dar um projeto muito maneiro”.

(...) acho que o gatilho foi um pouco o projeto [Livro Além da Capa e biblioteca comunitária] e um pouco ter encontrado algo que gosto de fazer profissionalmente. Porque embora eu gostasse do que eu fazia na agência, aqui eu sei o que faz a diferença maior do que fazia na agência, sabe? Aqui as coisas são bem diferentes. Então, não existe um gatilho, tipo da noite para o dia, as coisas foram acontecendo e me permitiram que eu me acalmasse mais, permitindo que eu fosse relaxando ao longo do tempo. E eu acho que não acontece da noite para o dia com ninguém.

Clara apontou a importância da mudança de perspectiva em sua vida, através da vivência e reflexões aqui pontuadas. A jovem comentou a mudança que aconteceu consigo e o modo de enxergar o mundo. A partir daí, fala sobre a mudança social que promove com os jovens da favela do Jacaré e outras comunidades.

Clara: Eu via uma dificuldade dos jovens que vieram do mesmo lugar que eu acessar as mesmas coisas que eu. (...) não faz sentido eu estar trabalhando para enriquecer pessoas que já tem muita grana enquanto a galera que é igual a mim está correndo cem vezes mais pra estar no mesmo lugar que a outra pessoa. Fruto de uma desigualdade social, do racismo e tudo mais. (...) e nesse meio do processo que eu estava trabalhando nesse lugar estava em contato com um amigo que também era de periferia e falou: “cara, a gente precisa voltar para a favela de alguma forma, a gente consumiu muita coisa aqui do lado de fora e a gente precisa voltar pra lá fazendo alguma coisa, tocando algum projeto e tal”.

(...) essa minha virada de chave, de que não é isso que eu quero estar fazendo e tal também veio muito de uma compreensão de que eu era uma mulher negra, enfim. Nós, mulheres negras, a gente nasce mulher e depois a gente compreende que nós somos mulheres negras, que a chave vira. Tudo na minha vida mudou depois que eu entendi que eu era uma mulher negra. As outras coisas reverberaram como um reflexo de um ganho de consciência meu. Antes, eu tinha uma vida sem óculos e agora eu tenho uma vida com óculos. Hoje, praticamente todas as coisas que eu faço eu faço são sob a ótica que eu sou uma mulher negra e que meu corpo é um corpo negro, periférico e o quanto que isso é importante. É um ato político, ajuda na construção dos lugares onde eu estou. E hoje eu sou muito essa pessoa que semana passada estava enfiada na favela do Jacaré e na semana seguinte está fazendo um jantar com pessoas que estão discutindo novas economias na América Latina, sabe? E foi um lugar que me doeu até eu entender que eu estaria nele, e até hoje dói, muita coisa dói, são muitos tapas. Ontem, por exemplo, eu levei mais um soco na cara. Mas é isso, estando nesse lugar de entender que um dia eu vou estar com umas pessoas, outro dia eu vou estar com outras. E a minha função aqui é ir diminuindo essas distâncias e fazer com que as pessoas ouçam e tenham essa percepção de realidade que antes não existia para elas.

Como outros jovens entrevistados, Clara abandonou o trabalho formal para vivenciar a mudança social que acreditava urgente, sendo esse seu novo emprego. Assim como Cadu, conta que é necessária uma adaptação na transição ao sair de uma empresa, de carteira assinada. Alonso, Clara e Cadu foram os três casos mais extremos de jovens que trocaram completamente de vida para colocar em prática a busca pela mudança social em que acreditam. Apesar de se sustentarem financeiramente, reconhecem que gostariam de mais estabilidade nesse sentido. Ainda que os demais entrevistados não tenham saído do trabalho em que atuam, também conciliam as atividades de mudança social em suas vidas. Em todos os jovens entrevistados, foram percebidas noções de “devolver algo às pessoas”.

6.2.2.3.

A mudança na sociedade

A atual geração de jovens tem despertado críticas a respeito da baixa militância comparada a de outras gerações. Os *millennials* não estariam lutando por nada, mudando nada, seriam acomodados, é o que afirmam os “adultos”. Mas, ao mesmo tempo, o espírito de justiça e energia em prol de mudanças não é algo inato ao próprio jovem? Tais discursos acerca da juventude e dos *millennials* despertaram o interesse para esta pesquisa entender se estão mudando algo e, se sim, como?

A opinião dos entrevistados sobre mudança social foi colocada com a intenção de compreender os meios e o porquê da iniciativa, se compreendem o que estão fazendo e qual é a relevância de suas atividades.

Bernardo atua no projeto da biblioteca e da página sobre as histórias de pessoas e seus livros favoritos, junto com um amigo fotógrafo. Contou que, a princípio, gostaria que sua página na internet tivesse muitas visualizações, mas percebeu outras maneiras de mensuração.

Bernardo: Quando o projeto atingiu 30 mil [visualizações], a gente fez a primeira roda de leitura e eu falei: “cara, eu estava com a ideia completamente errada, porque eu não preciso mudar o mundo, um milhão de pessoas de uma vez, se eu fizer a infância de 10 crianças que estão vindo aqui dentro já é muito *foda*, já é muito, cara”. E essa mudança de mentalidade fez até com que as coisas do projeto fluíssem melhor. Comecei a pensar que importante não são números, importante é a qualidade do que a gente tá fazendo e a qualidade do que a gente tá fazendo a gente vê no sorriso de cada uma dessas crianças aqui que está levando o livro para casa. E a minha ideia de mudanças sociais é isso, cara, as pessoas acham que precisam mudar o estado, o país inteiro de uma vez, não, cara, você muda o seu bairro e depois você muda um pouquinho mais, um pouquinho mais. Daqui a pouco, você muda a sua cidade e as coisas vão crescendo naturalmente. Você não precisa estabelecer uma meta gigantesca logo no início, porque só vai te frustrar. É o que a gente descobriu a duras penas. E é muito frustrante quando você bota uma meta muito alta e você não atinge, porque é o que acontece na maioria das vezes. E se você for aproveitando essas pequenas coisas, é muito gratificante, cara. Cada quarta-feira que ela [voluntária] mandava foto, era uma vitória na vida pra gente, sensacional. A ideia é basicamente essa, mudar de pouquinho em pouquinho e mudar. Porque se você estabelece uma meta muito grande, você acaba mudando nada.

Já Rafael é envolvido em diversos movimentos sociais, principalmente ligados à política. Seus avós se tornaram uma inspiração de resistência no período da ditadura no Brasil. Ele participou de diversas manifestações, como as

relacionadas à reforma da previdência, da privatização da CEDAE, diversas “Fora Temer”, quase todas as ocupações artísticas, no OcupaCanecão, OcupaMinc, no Ocupa IFICS, Ocupa PUC-Rio e foi visitar a ocupação do Colégio Pedro II¹. Rafael entende que não possui o lugar de fala em diversas causas sociais, se sente muito privilegiado dentre as causas sociais. Ainda assim, fica comovido com tais movimentos e demonstra apoio.

Rafael: (...) eu consigo reconhecer o meu privilégio, de tudo isso que eu tenho e olhar para as pessoas que não têm ainda, sabe? Tem gente que está fazendo jornada dupla para, no final do dia, ainda estar lá, fazendo manifestação, que coisa linda, sabe? Por mais que ela esteja cansada, ela tem a esperança e vontade de mudar alguma coisa, isso é o que me move também, estar em um lugar onde olho em volta e vejo pessoas anônimas e admiro 99% delas.

Elena: E o que é mudança social para você?

Rafael: É você tentar diminuir ao máximo as diferenças, desigualdades do seu igual. As pessoas sofrem muito no mundo. (...) eu fico triste vendo essas coisas, todas essas questões me entristecem e quando eu estou pensando em formas de mudar assim, seja numa manifestação, seja em um projeto, porque eu não acho que a gente só tenha essa vertente política, tem vários projetos criativos que podem ajudar a mudar o mundo, sabe? Eu tenho um amigo que tem um projeto incrível que é de conscientização de HIV que eu já acho, tipo, maravilhoso, que dá para a gente seguir e mudar. Mudar o mundo é muito abrangente, mas o que eu penso é realmente tentar minimizar o sofrimento que a gente impõe nas pessoas. Para eu estar na minha condição de privilegiado, muita gente tem que estar sofrendo. É triste pensar nisso, então o que eu posso fazer para tentar minimizar esse sofrimento, para que essas pessoas tenham um pouco mais de oportunidade, de chances? Seja de combate a uma doença, seja questões sociais, raciais. Eu sei que eu não posso me envolver tanto, porque não é a minha luta, mas todo apoio que eu posso eu dou, sempre eu posso me envolver assim, eu tento ao máximo.

Elena: O que você quis dizer com “mudar o mundo é muito abrangente”?

Rafael: Porque mudar o mundo é muito clichê também, eu sei que os clichês são realidade, mas dizer “eu quero mudar o mundo”, tá, “e o que você vai fazer para isso”? Então, é muito abrangente e não necessariamente o mundo macro, mas o mundo daquelas pessoas, o mundo de um determinado grupo, são pequenos mundos. Dentro do mundo, a gente tem pequenos mundos, com pequenas vivências. Eu acho que pessoas que trabalham em seu próprio interesse hoje, no senso caótico que a gente vive, são pessoas pequenas. Então, a gente tem que estar olhando para esses pequenos mundos, por menores que sejam.

Érico participa de alguns coletivos, como o de ocupação de espaços antigos no Rio de Janeiro, para dar nova funcionalidade. Além disso, acredita que a associação em que trabalha gera gentrificação com a comunidade do entorno por

¹O entrevistado se refere às diversas manifestações contra o atual presidente do país, Michel Temer, e também a ocupações contra as condições oferecidas ao cidadão em locais públicos, como espaços culturais, universidades e escolas.

promover atividades abertas ao público. Já Luana atua em uma ONG e, para ela, o principal problema entre as pessoas é a falta de empatia.

Elena: Qual é a tua visão de mudança social?

Érico: Trazer relações mais humanas. Acho que isso é uma coisa muito forte na minha vida. Eu vejo que todo mundo que estava comigo nessa também tá valorizando isso. E fazer a gente parar de viver esse frenesi, essa loucura de tudo tem que ser feito para ontem. Todo mundo tá sempre no *WhatsApp*, no *Facebook*, não tá parando para ver o que que tá acontecendo, viver mais o presente do que o futuro, a galera tá toda hora no amanhã. Valorizar o meio ambiente, trazer mais verde para cidade, apresentar problematizações e colaboração de uma forma mais afetuosa que ressignifique as relações humanas e trazer mais a natureza do nosso dia a dia. Para mim, colaboração é dividir tarefas para alcançar o mesmo objetivo simplificada. E eu enxergo dessa forma, dividir todas as responsabilidades, tarefas e funções de ferramentas, de recursos, para atingir o mesmo objetivo.

Luana: Eu acho que o problema é que as pessoas não estão conseguindo ter concordância. Nosso mundo, hoje em dia, a sociedade não consegue se perceber. Estão mais preocupadas consigo mesmas e não estão olhando o lado do outro. Se tivesse um pouco mais de trabalho em equipe, eu acho que tudo seria muito mais fácil. É algo que eu sempre falo: o pessoal esqueceu o que é viver em sociedade. É muito assim o que eu preciso e o que eu vou fazer. Mas e o social? E a sociedade? Como você contribui para uma boa civilização, sabe? Uma boa harmonia, eu acho que é isso que falta.

(...) não, eu acho que o confronto não adianta, porque a culpa não é do cara que aceitou fazer aquele trabalho, porque os valores dele o deixaram fazer aquilo.

Elena: A culpa é de quem então?

Luana: A culpa é do sistema, dos valores impostos à sociedade.

Nas entrevistas em profundidade, na esfera da mudança social, foram percebidos dois valores muito presentes que traduziam seus discursos: humanidade e identidade. No que tange ao primeiro citado, nota-se, nos relatos acima, por exemplo, uma aproximação humana com os outros indivíduos, que são pelas atividades sociais. Tal relação se desdobra em emoções, inspirações e sentimentos com uma ligação mais íntima, perto do mundo do entrevistado. Há misturas de admiração, felicidade, empatia e recompensa. Os afetos ali criados vão para além do próprio indivíduo, mas como um bem para a sociedade, um “plantar sementes”. A esperança juvenil ressurge em ações mais concretas.

O outro valor, identidade, apareceu entre os entrevistados, além dos citados abaixo, como a Laís e Alonso.

Clara: Eu acho que as pessoas não querem se sentir representadas, a gente está em uma fase que as pessoas querem se sentir participantes. Não adianta você me

representar, porque eu sei que eu posso estar ali fazendo, eu sei que eu posso contribuir, sabe? Parece distante falando, mas dentro da minha cabeça, todas essas coisas elas se conectam.

(...) é assim: tem uma escada rolante e tem uma escada, as pessoas brancas estão em uma escada rolante, as pessoas negras estão na escada normal, e elas precisam chegar no mesmo lugar ao mesmo tempo. A pessoa negra vai precisar fazer um esforço 10 vezes maior do que a outra. Então, pra mim, uma das mudanças sociais, é o dia em que as pessoas negras não precisarem se esforçar muito mais e forem equiparadas a pessoas brancas, e se eu vou receber X, você vai receber X. Então, uma das mudanças sociais que eu acredito é quando o dinheiro começar a circular na mão das pessoas e não concentrado só na mão de dez famílias do Rio de Janeiro. É quando a única opção da mãe da periferia não é ser faxineira, porque é o único lugar que ela tem oportunidade de trabalhar. Então, pra mim, esses são alguns níveis de mudança social, ligados à classe e à raça, que é o principal pra mim. E outro nível de mudança social que eu acredito é pessoas iguais a mim liderando os espaços que eu estou. Isso é muito significativo, porque pra essa mudança social acontecer, muitas outras precisam acontecer, uma coisa está interligada a outra, sabe?

Cadu: Eu acho que essa questão da mudança, ela acontece o tempo todo, em alguns lugares de forma acelerada e outros não. A mudança, independente dela ser social ou não, ela é importante, porque senão a gente vive aquilo, estagnado, dentro daquele modelo 4x4 sabe? Quadrado, todo mundo andando igual. Eu acho que somos diferentes por isso, porque a gente precisa pensar diferente, a gente precisa divergir de opinião. O que acontece muito é a não aceitação da opinião do outro e a falta de respeito em relação à opinião do outro tem acontecido muito, né? Você não aceita o outro, né? Você quer simplesmente eliminar ele. Isso é muito grave, tem que ser discutido. Eu vejo dessa forma.

(...) e esse é meu desafio, né? É através dessas pequenas revoluções quando eu me propus cair de cabeça nesse universo. Antes, eu pintava só para fazer a minha pintura na cidade, quando eu comecei a me preocupar que estava acontecendo no mundo, no universo do grafite, eu percebi algumas lacunas que estavam vazias e pensei assim: “por que não preenchê-las?”.

(...) tento promover também ocupações dentro de comunidades, né? Tem um morro ali na Tijuca, que é o Morro da Casa Branca, e eu também tô tentando transformar o morro em uma grande galeria de arte, é um trabalho de resgate de autoestima, de modificação do entorno, né? Porque é onde o poder público não chega, né? Ele não chega nem aqui onde a gente está, que é um espaço considerado cult, né? De acesso, considerado cultural, e tem um padrão social maior comparado da comunidade. Então, eu tento levar um pouco de arte para transformar um melhorar o dia a dia desses moradores.

Cadu cita ainda mais quatro projetos que lidera, relacionados ao grafite e se preocupa em promover uma descentralização das artes em apenas alguns pontos do Rio de Janeiro.

No segundo bloco de entrevistas sobre mudança social, o segundo valor bastante citado nas atividades desses jovens é o resgate da identidade. Laís, por exemplo, participa de uma ONG – MAWON – que recebe refugiados no Brasil. A

questão da identidade e não vitimização do acolhido é muito importante para ela. Seus outros projetos, como na favela do Cantagalo (RJ), por exemplo, também possui o mesmo propósito.

Desse modo, a mudança social tem como base e intenção movimentos no sentido de provocar reflexão nos indivíduos que vivem em uma cultura específica sobre o seu lugar e abrir novas possibilidades a partir dessa noção. É assumir sua história, essência e descobrir o que há de melhor nela, apresentando oportunidades dentro do contexto e reconhecimento social, mas, principalmente, mostrar que esse indivíduo ocupa um lugar que é seu e que não deve se retrair. Identidade.

6.2.2.4.

Satisfação pessoal

Aqui, foi questionado o que significa para cada um desses jovens estar envolvido em tais causas. Quais são os motivos e o que entendem acerca do que está acontecendo. Principalmente, esse tema busca compreender quais são os sentimentos que provocaram o início da mudança social.

Alonso: Gosto, e tudo que eu faço é pra me dar mais suporte para fazer. É a maneira que eu escolhi para me expressar, é parte minha. Trabalhar com imagens, significados, desconstruir coisas. (...) tem a questão simbólica também, né? Pra você ver, é tão enraizado o preconceito que duas garotas, uma de 10 outra de 8 anos falou: “ah, é viado” (*a imagem que Alonso colava era de um casal de homens, ele se refere a um comentário de uma das meninas*). Então, acho que são questões humanas, a arte pode não ensinar a enxergar, mas a refletir, não pra incomodar, mas pra causar questionamento. Eu não faço coisas muito lúdicas que a pessoa não consiga entender, eu não acho que esse é o meu caminho, e quando eu faço alguma coisa para a rua, eu realmente gosto de passar uma mensagem, não é puramente estética.

Elena: E você sente prazer no que faz?

Alonso: Total, hoje é domingo de tarde, né? De manhã também já estava em outro lugar, então é prazeroso. E pra mim, tem essa questão de estar contribuindo, passando uma mensagem, que carece muito disso.

Bernardo: Sendo muito sincero, o projeto é uma ótima desculpa pra gente exercer a empatia. Então é muito terapêutico pra gente, porque a pessoa se abre e conforme a pessoa vai falando da história dela com o livro, a gente vai descobrindo coisas sobre a gente mesmo. A gente vê que a gente tá ajudando, sabe? Que é uma coisa muito simples, que é você parar e ouvir o que a pessoa tem a dizer. E cara, quando a gente montou a biblioteca, a primeira vez que eu fui lá, eu falei assim: “nossa, mas se eu morrer agora, eu já tô feliz, atingi uma

meta de vida”. Quando as crianças começaram a aparecer, ler livro e as moças que tomavam conta mandavam [foto] para gente, não tem nem como explicar o que a gente estava sentindo. A gente estava olhando para o celular e sorrindo igual bobo alegre, foi muito, sei lá. (...) a gente tem um grupo no *Whatsapp*, elas ficam atualizando “olha só, fulana lendo hoje”, é o maior barato.

Cadu: Hoje em dia, é uma satisfação pessoal eu estar conseguindo me dedicar *full time*, toda a minha energia, no que eu mais gosto de fazer, sabe? Eu discordo um pouco dos padrões corporativos de você ficar dentro daquele sistema quadrado. É um desafio e aprendizado constante, porque também é tudo muito novo esse mercado de autônomo e acho que faz parte da nossa geração.

(...) eu sempre busquei na minha vida prazer, então eu quero ter prazer em tudo o que eu estou fazendo, desde a comida até o trabalho, né? Quando se torna prazeroso, se torna mais gostoso de fazer, você faz aquilo com amor, né?

As atividades praticadas relacionadas à mudança social, de forma geral, são compreendidas como um momento de prazer e satisfação pessoal. Os jovens se identificam com o que atuam e acreditam na mudança que estão provocando.

6.2.2.5.

Trabalho

Dentre os discursos acerca dos *millennials*, há opiniões sobre uma dificuldade no relacionamento entre as gerações. Ao dar opiniões sobre o cenário do mercado de trabalho, os entrevistados explicam também como seria o ambiente ideal. Nos relatos, é possível notar aqueles que já se encontraram nesse espaço, assim como jovens que buscam tal estágio de satisfação profissional. Os jovens também aprofundaram suas questões com hierarquias e modos de comunicação dentro de empresas tradicionais.

Bernardo: A minha relação com trabalho, ela é muito minha. Então, assim, eu não sei. Nos primeiros meses que eu comecei a trabalhar aqui, tudo bem se sentir pressionado pela necessidade de mostrar o trabalho, mas depois que passa esse primeiro momento, cara, eu gosto de fazer as coisas no meu tempo. A minha relação com o tempo aqui, eles têm horário super flexível, isso é muito bom. Às vezes, eu chego um pouco mais tarde, às vezes eu quero ficar aqui até 8 e meia da noite, 9 horas e é tranquilo. Às vezes, eu quero chegar aqui meio dia, então é uma relação um pouco descompromissada com o tempo, sabe?

(...) o tempo todo eu fico com essa pulga atrás da orelha e é uma coisa que eles incentivam muito a gente ter, essa é inquietude dentro da gente. Aqui é uma coisa muito horizontal, a empresa funciona de uma forma muito horizontal. Se eu quiser falar com *CEO* da empresa, é só mandar mensagem para ele, ir à sala, muito rápido, isso é bom e é ruim. É ruim porque te deixa um pouco, não sei, acho que faz você se cobrar. Quando uma empresa é assim, você aprende a ser

seu próprio chefe, não se limitar com as coisas e eu acho isso muito bom. Você cria suas próprias paredes, seu próprio sistema de funcionamento da empresa na sua cabeça. Isso é muito bom, mas nem todo mundo pega isso, as pessoas acabam lidando com essa liberdade uma forma excessiva, mas eu acho que é muito bom ver você crescer profissionalmente, porque você sente isso. Você não é só uma engrenagem que fica girando, você é uma engrenagem que às vezes para e pensa: “ué, será que meu trabalho não seria mais bem feito dessa forma?” Eles são super abertos a sugestões.

Bernardo falou sobre o funcionamento da empresa em que trabalha, demonstrou estar satisfeito e sem planos de sair do atual emprego. A flexibilidade de horário, o relacionamento com os superiores, a importância e impacto do que faz e, principalmente, a quebra rígida de hierarquias foram peças-chave para o contentamento do jovem. Da mesma maneira com que Alex, o especialista, disse serem esses os novos pilares do mercado e empresas que estão sabendo absorver e aproveitar o melhor dos *millennials*, atualmente. De todos os motivos, Bernardo citou em tom de brincadeira, como se não se importasse, “se o salário pudesse melhorar só um pouquinho”, sendo essa questão menos importante dentro as demais apresentadas por ele.

Érico faz apontamentos sobre trabalhar em *coworking* e que as parcerias com demais empresas instaladas no mesmo local abrem muitas portas. Também aplica o mesmo sistema de hierarquias em sua empresa, assim como assinala Alex e Bernardo. Ele chama de “liderança compartilhada”.

Elena: E nunca deu problema esse negócio de liderança compartilhada?

Érico: Deu tanto quanto dá em hierarquia, a gente até diz que hierarquia é mais fácil, mas é muito menos prazeroso, né? Te deixa muito menos feliz, sei lá. Eu acho que tem gerado mais interesse e oportunidade, para mim tem sido bem melhor, tem gente que não acostuma que ainda tem os velhos hábitos e tal, mas para muita gente, é um processo muito libertador.

Elena: Nunca pensou em seguir carreira nas empresas em que foi estagiário?

Érico: Funcionamento de hierarquia, né? Eu sempre fui meio revoltadinho, meio difícil de obedecer, sabe? Toda vez que alguém me mandava alguma coisa, eu perguntava se precisava ser do jeito que a pessoa mandou ou poderia fazer do meu jeito. E ficava muito revoltado com as tomadas de decisões hierárquicas, alguém mandou, então você faz desse jeito e acabou, eu não gostava. (...) tinha um pouco de “Rebelde Sem Causa”. Às vezes, dava certo, às vezes não, mas no final, eu era valorizado de alguma forma, porque eu era muito esforçado e dedicado. Eu relutava, mas às vezes eu fazia, né? Mas ficava *puto*. Mas comecei a entender que a gente tem que valorizar mais o processo, fazer as coisas de uma forma mais calma, valorizar a comunicação, o humano, coisa que eu só fui entender depois, né?

(...) então todos os projetos que eu faço aqui, que eu gerencio, tem esses propósitos né de trazer uma comunicação não violenta, de fazer ser mais colaborativo e significar as coisas. Assim, sabe? Você vem, traz um projeto para mim, eu vou pressionar ele até dizer chega, que não são necessárias certas coisas, que pode ser mais sustentável. E não estou falando só de ambiente não, tô falando de financeiro, tô falando de social, tudo. Tentar fazer ele se adequar aos nossos valores o máximo possível, mas bem ou mal, a gente tem uma empresa, a gente precisa sustentar ela, né? Então, a gente acaba aceitando projetos que não necessariamente estão alinhados com a gente, mas são necessários. Faz sentido? Acho que é isso.

Érico se esforça para deixar claro que os valores de igualdade, sustentabilidade e criação de identidade, tanto na empresa quanto do modo de gerir a equipe, são fundamentais para ele. Luana também fala sobre hierarquia e a importância de não perder a essência.

Luana: Por mais que me incomode, eu sei que é necessário, eu trabalho melhor por demanda, “Lu, faz isso, isso e isso”. Eu acho que é assim: hierarquia OK, mas também saber usar dessa hierarquia. Não é uma hierarquia abusiva, é uma hierarquia de organização. Eu acho que não é no meu e não é no seu tempo, mas a gente consegue entender juntos que é o melhor. Assim, existe uma hierarquia, minha coordenadora me demanda coisas e eu vejo uma dificuldade também em entender que eu sou uma estagiária. No meu papel de estagiária, eu não preciso saber tudo o tempo inteiro. Ela não pode vir com uma autoridade e achar que eu vou saber tudo do tempo dela.

(...) aí eu vou cair fora, vou encontrar algum lugar que eu consiga trabalhar, dar o meu melhor, sem interferir nos meus valores. Porque assim, meus princípios e meus valores são esses, então *pera aí*.

Ainda que Rafael tenha a mesma visão de ter seus valores muito bem estabelecidos, sabe-se que eles não são individuais, mas circulam na sociedade e que os *millennials* afirmaram em que medida se tornam importantes em suas vidas, assim como Edgar Morin (2006) explica a subcultura como pertencente a um sistema maior, mas que partilha de ideias gerais com esse. A subcultura, então, não está desvinculada à cultura a que pertence, mas os indivíduos partilham de pensamentos ou hábitos muito específicos, que os colocam em uma subcategoria. Os valores que, recorrentemente, são citados como importantes, fundamentais para os *millennials* – e que se refletem no trabalho escolhido, quais produtos irão consumir e a relação social, de uma forma geral – poderiam ser pensados conforme a ideia de subcultura a partir de Morin. Os *millennials* tomam tais valores com uma propriedade que os faz compartilhar de um sentimento muito parecido.

Rafael propôs também outra possibilidade de lidar com o contrassenso de não se identificar com os valores no ambiente de trabalho.

Rafael: Eu tenho até uma vontade trabalhar em um lugar que não tem preocupações sociais e aos poucos ir levando isso. Lugares que eu até antes não cogitava trabalhar que eu pensava: “nossa jamais, esse lugar não tem os mesmos valores que eu”, mas hoje, eu olho e de repente: “tá aí o meu desafio, sabe?” Eu gosto muito de ser desafiado o tempo todo. Ao mesmo tempo, assim, eu tô num momento muito perdido, indeciso sobre o que eu vou fazer, eu pedi demissão ontem, de ser repórter, porque não era também o que eu queria e eu não estava conseguindo fazer o que eu queria.

(...) assim, como eu falei do meu gênio, eu não consigo ser maltratado por chefe. Eu acho que quem aceita isso é completamente idiota. Eu não consigo aceitar a ideia de você estar ali e mostrar para seu chefe seu trabalho e ele falar: “isso está uma merda”. Isso é absurdo, se a gente está estagiando, é para aprender, não é pra falar que está uma merda, você fala: “você errou aqui, aqui, e aqui”. Ou se você não quer ser didático, quer provocar a pessoa, porque tem uns chefes que sabem que aquilo está bom, mas eles querem te provocar pra você fazer mais, você não fala: “isso está uma merda”, você fala :“cara, você pode ir além”. Existem mil maneiras de falar e eu não aceito ser maltratado por chefe, e quando me trata, eu hostilizo de volta, porque eu não tenho nenhum problema em perder emprego, nunca perdi, mas não tenho nenhum problema em perder, até porque eu tenho plena consciência que eu faço um trabalho muito bem feito. (...) eu faço meu trabalho muito bem feito, entrego tudo na hora que tem que entregar e assim, eu posso fazer o eu quiser. Então eu ia pra praia no meio do dia, porque era *home office*, se me ligasse assim, pedindo coisa urgente, eu dizia “isso não é urgente”. Porque tem uns chefes loucos também, decidem que uma coisa é urgente, não existe problema urgente em comunicação, é muito raro, só gerenciamento de crise. Assim, essa imagem é urgente? Não é urgente. Esse texto é urgente? Não é urgente. Você pode esperar meia hora pra eu te entregar esse texto, eu não preciso te entregar em dois minutos. São umas coisas loucas que a agência faz, eles querem enlouquecer você.

(...) na agência, tinha duas mulheres, elas não eram grossas, mas eram abusivas e tem uma hora que você tem que colocar limites. Te ligar uma hora da manhã pra perguntar onde está o e-mail que você mandou? “Procura na sua caixa de e-mail, né?”. E acontecia, e passou do seu horário e a pessoa pede aquele favorzinho? Sabe aquele outro jeito? Tem o jeito grosso e tem esse jeito abusivo que é ser meiga: “ai, vou pedir um favorzinho”. Não dá, tudo tem limites, porque assim, no final do mês elas estão botando 15 mil no bolso e eu tô com mil, trabalhando mais do que elas. Eu até brinco com os meus amigos quando acontece isso, eu falo: “gente, eu já li muito manifesto comunista pra saber o que é *mais valia* e assim, não vou deixar acontecer comigo em níveis extraordinários”.

Sobre a ideia de estar feliz no trabalho, também comentada pelo especialista, Rafael falou de ter a consciência de que, muitas vezes, é necessário fazer coisas das quais não gosta no trabalho e que não acredita ser esse o único caminho para a felicidade. Assim como Alex também comenta, a ideia de largar o trabalho para viver apenas do que ama não é tão simples, e no cotidiano dos jovens não ocorre dessa forma.

(...) eu acredito que existem outras formas de ser feliz além do trabalho. Não necessariamente você precisa ser feliz no trabalho, mas aí você tem que achar um outro lado para ser feliz. (...) o funcionário público, a maioria das pessoas estão ali pelo dinheiro. Sim, muitas vezes ninguém nem gosta de fazer aquilo e não tem problema nenhum. As pessoas são felizes também porque elas conseguiram objetivo delas, estão onde queriam, ter uma família e arranjar um emprego para ter estabilidade financeira na vida. E que sejam felizes, trabalho não é a resposta para tudo na vida. Não tem que ser, cada um molda isso da forma como quiser. Pra mim hoje, se eu não acredito no que eu faço, eu não faço mais.

Cadu: Essa nossa geração está vindo muito intensa em relação ao mercado, as empresas estão começando a absorver e entender que elas podem trabalhar com arte, que o mercado de arte pode ser inserido no meio corporativo. Quando eu trabalhava nessa empresa, foi muito legal que eu pude mostrar isso, pras pessoas que estavam ali, eu pintei a sala da minha diretora sabe, e colocar quadros meus dentro da sala da presidência, uma empresa altamente corporativa. Então, eu consegui mudar a mentalidade, pelo menos uma sementinha de pensar fora da caixa, né?

(...) eu acho que a promoção é válida de acordo com o seu crescimento na empresa. (...), mas tudo tem seu preço, você tem que trabalhar que nem um condenado, você fica bem desgastado, estressado. Eu tenho amigos que estão bem desgastados em relação a isso e tem até pesquisas que mostram pessoas que se suicidaram, estão em depressão, sacou? Então, isso não é um hábito saudável. Pô, se tá pirando o cabeça, pô, no mínimo, você tem que amar o que você está fazendo.

Diálogo. Dentre as falas relacionadas às novas formas de hierarquias, de empregos e interação no trabalho, foi percebida uma vontade de diálogo para entender e acreditar naquilo que se faz. Um dos principais elogios às empresas foi a transparência com o jovem, qual é a importância e urgência do que é pedido. Nesse ponto, a falta de comunicação gera desconfiança sobre o que se faz. Mais do que ser desobediente, o jovem *millennial* demonstrou ter a intenção de realizar um trabalho que provoque impacto e tenha também a sua construção de ideia nele. O bom convívio com as pessoas ao redor também indicou ser fundamental para a permanência no emprego.

A palavra “inquietude” foi citada algumas vezes, assim como nos grupos focais e é uma característica que pode ser interpretada de diversos modos. No entanto, os jovens relataram ser algo incentivado pelas empresas que possuem perfil mais flexível, como uma vontade de buscar sempre algo a mais, o seu melhor, conforme citado por alguns jovens, mas selecionado aqui por Bernardo, Érico e Rafael. Porém, os *millennials* têm a percepção também de que a mesma inquietude é compreendida como falta de atenção e disciplina. Supostamente, por

isso, a ânsia por encontrar um emprego ou atividade que crie diálogo e relevância no que faz.

6.2.2.6.

Ansiedade

Mais uma ideia ligada à geração, os jovens viveriam tal sintoma pelo excesso de informação, de opção e pressão, em um mundo conectado. Assim como nos demais subcapítulos, a fala do jovem impõe o ponto de vista de quem está no lugar de fala. O assunto é tratado sem alvoroço, mas observando o que se passa, como se passa e, sobretudo, como encontram solução para esse momento. Sobre o tema, dois entrevistados trouxeram interessantes perspectivas: Rafael e Bernardo. Rafael vive constantemente com ansiedade entre seus amigos e na família. Por sua vez, Bernardo contou que já passou por tal situação, mas atualmente encara de outra forma.

Rafael: Eu nunca tive, no meu grupo, eu tenho amigos muito próximos, uma das minhas melhores amigas é depressiva. Já tentou se matar, tem o braço dela todo cortado já ficou sem comer durante dias, fuma que nem uma maluca, bebe café, tem uma saúde de *merda*. Não consegue andar um quarteirão sem ficar ofegante. Tem outra que tem problemas pesados em casa, de os pais terem um relacionamento abusivo e controlador, que desenvolveu nela uma crise de ansiedade pesada. Ela tem que ir três vezes à semana na psicóloga, senão ela não consegue. Tem outro amigo meu que é tão inseguro, não é inseguro, ele fica ansioso. São os meus melhores amigos, estão comigo o tempo inteiro e eu sei que é normal. A minha irmã desenvolveu uma crise de ansiedade que ela está à base de frontal. Eu olho para as pessoas em volta de mim e fico chocado, realmente triste. Mas acabou que eu virei meio que a base deles, então eu nem me permito ter essas coisas. Essa minha amiga, ninguém conseguiria lidar com ela, só eu. Então, a gente desenvolveu essa relação de sensibilidade e ao mesmo tempo de afastamento, porque você não pode entrar naquilo, porque senão a pessoa se afunda mais. Você não pode deixar ela se fechar totalmente. Então, eu sempre segurei ela em uma crise e hoje ela fala para mim: “eu acho que você tem que fazer com essa outra amiga o que você fazia comigo”. Porque quando uma pessoa está em crise de ansiedade, a pior coisa que você pode fazer é pegar um táxi e ir pra casa, porque ela vai ter a crise sozinha em casa. A melhor coisa é sentar, conversar, acalmar e voltar. Então foi isso que eu fiz com essa minha amiga. É isso que eu faço com a outra, porque eu acabei que virei a pessoa que sabe lidar com isso. Uma vez eu senti uma crise de ansiedade dentro do hospital e é a pior sensação da sua vida, parece que você vai morrer.

(...) são situações muito comuns, a nossa geração transformou a ansiedade em uma coisa comum. Eu tive uma conversa séria com a minha mãe quando a minha irmã desenvolveu isso, porque a minha mãe nunca teve que lidar com isso. Mas eu já tive que esmurrar porta da casa de amigos, porque a pessoa tinha tomado

remédio para se matar e a mãe da pessoa, quando você vê a família, você entende tudo. A geração de pais e professores que vão lidar com a minha geração têm que entender que ansiedade já é o normal da nossa geração. Então, “você que aprendam a lidar, você não podem considerar frescura”. Não pode considerar brincadeira, drama de adolescente, porque não é. Porque já é comum na nossa geração, “aprendam a lidar”. Pessoas que nascem na era da informação não tem como não serem ansiosas. Eu sou uma pessoa ansiosa, mas não tenho distúrbios de ansiedade e crises de pânico, por exemplo. Distúrbio de ansiedade é aquilo que você precisa ser medicado, ansiolítico, porque senão, você não sai de casa. Não é isso, eu não tenho. Eu sou uma pessoa ansiosa, eu tenho uma característica na personalidade de pessoa ansiosa, mas eu não tenho distúrbio de ansiedade. Só o distúrbio de ansiedade eu acho que é o novo normal, no geral. Eu não vejo outro quadro, eu vejo 60% do meu grupo com distúrbio de ansiedade. Minha mãe falava que eu tirei grupo premiado, mas agora que ela está vendo em casa, ela viu que é mais comum do que imaginava.

Rafael apontou situações que presenciou e entende que a ansiedade não deve ser encarada como algo inusitado. Para ele, há dificuldade nos adultos à sua volta para compreender e ajudar tais situações com mais naturalidade. Bernardo contou que também era “acelerado” demais e tais conflitos ele solucionou com o passar do tempo e com a ajuda de ter se encontrado profissionalmente. Explica que a escolha de se manter no mercado de trabalho do Rio de Janeiro e não se mudar para São Paulo também tem a ver com a questão psicológica. Bernardo fala algumas vezes que “se acalmou”, se referindo ao seu estado de espírito.

Bernardo: Não é uma sensação de “cara, preciso de tudo isso para hoje”; já foi no início quando comecei a trabalhar. A gente era muito assim, era essa função de “cara, eu tenho que entregar, tenho que entregar agora, tenho que entregar logo” e foi um feedback eu recebi de muitos empregadores meus. “Você está fazendo muito rápido, faz um pouco mais devagar”. Recebi muito isso na vida e desacelerei.

(...) o Rio tem um problema que as pessoas não pensam em trabalho e eu acho que em São Paulo as pessoas só pensam em trabalho. Eu queria um meio termo, como não tinha um meio termo, eu falei: “ah, vou ficar por aqui mesmo, porque lá eu sei que eu vou ser infeliz pra caramba”. Aí sim eu seria a minha geração lá, porque eu ia pensar só em trabalho e eu fico ansioso e ia ficar maluco. Então, eu procuro respeitar o meu tempo e é isso aí. (...) quando você respeita o seu tempo, você acaba sendo feliz, você não precisa pensar muito na sua felicidade. Se você faz coisas que você gosta, você não precisa de um estalo, você já vai acordar tipo, “está tudo bem, hoje é um bom dia, vou trabalhar feliz”. (...) hoje eu estou muito tranquilo, já fui muito nervoso com carreira e tal, mas hoje eu acordo todo dia muito tranquilo, mesmo. Não só pela biblioteca, não só pelo trabalho, mas eu acho que eu aprendi a ver as coisas com mais leveza. Você aprende a enxergar a vida de uma forma muito mais tranquila do que se cobrar o tempo todo e cobrar da vida o tempo todo. É uma relação assim: se acontecer, aconteceu; se não acontecer, outra coisa melhor pode rolar.

Ambos os entrevistados concordaram que vivem em contextos de ansiedade. No entanto, Bernardo encontrou artifícios para não provocá-los e hoje,

encara a vida de forma diferente. Rafael, ainda que não tenha distúrbios de ansiedade conforme relatou, convive com amigos que passam por tais situações e que encontram dificuldade de achar uma saída. Rafael relatou a falta de comunicação com os adultos de forma natural sobre o assunto.

Sob tal perspectiva, Giddens (2002) explica a ansiedade como os riscos e perigos que envolvem o sistema total de segurança do indivíduo, e, a todo momento, os *millennials* afirmam se sentir pressionados e com medo de futuras frustrações, somando-se ainda às próprias inseguranças relativas ao momento liminar juvenil. A partir de Giddens, a segurança ontológica se torna ainda mais necessária para evitar a ansiedade e se sustentar em suas raízes, em especial a auto-identidade.

6.2.2.7.

Meio ambiente

Pela rápida aproximação com os entrevistados pelo mesmo corte etário, foi possível dispor de transparência e identificação dos *millennials*. Nesse caso, as respostas surpreenderam sobre, especialmente, o meio ambiente. Sobre tal geração depositam-se valores, como maior consciência ambiental, devido às condições do mundo quando nasceram, noções não tão evidentes diante das entrevistas.

Alonso: Se eu for pensar que eu pego papel e “taco” na parede, não é muito legal. Mas é uma relação que eu me saboto o tempo inteiro, mas em casa, eu tento fazer separação de lixo e tal. Mas preciso melhorar assim como o mundo todo, estamos engatinhando.

Bernardo: A minha mãe tem um sítio aqui em Guaratiba, aqui depois do Recreio. A minha relação é quando chega sexta-feira, eu quero ir pra lá dormir ouvindo grilo, acordar ouvindo gambá no meu telhado. Essa é minha relação com o meio ambiente, mas de preocupação ambiental, eu confesso que eu não tenho nenhuma.

Cadu: A gente cresce dentro de uma condição que não nos favorece pensar no meio ambiente, né? Essa consciência ambiental, isso é uma coisa que vem sendo discutida de agora, quando eu era moleque não tinha isso, então é novo também, então você tem que mudar e eliminar barreiras que já estão enraizadas e fortificadas no seu dia a dia. Naquela cultura que você cresce, a cultura que você cresceu, você tem que jogar ela para o lado e começar a pensar dessa forma.

Laís: Não vou dizer que eu sou a pessoa mais correta do mundo, não. Tipo, eu tenho consciência das questões de lixo e alimentação, mas eu não vou me tirar

desse campo para viver em um mundo só natureza, “preserve a natureza”. Mas eu tenho a consciência que a natureza faz parte da nossa vida, por mais que a gente viva na cidade e minimize os efeitos da natureza, eu tento ser mais consciente. Eu amo ficar na natureza, eu preciso sempre ficar em um refúgio. De 15 em 15 dias, eu vou para Teresópolis (RJ) e fico lá, só fazendo nada, porque para mim é muito importante ter uma cachoeira ou ter o mar, ter a água é bem importante.

(...) eu tenho um desejo de ficar um tempo isolada, uns três meses em algum lugar na Bahia, alguma coisa assim, em uma *ecovila*, mas por uma experiência pessoal, menos altruísta.

Rafael: Sempre que posso pensar em produzir menos um lixo, eu faço. Não sou louco que não usa plástico de jeito nenhum não, mas se oferecem o canudinho de plástico e tem um copo de vidro, eu vou tomar no copo ao invés de tomar no canudo. São pequenas atitudes, sabe? Esse pensamento de reduzir o lixo acho que todo mundo tinha que ter.

(...) eu tenho questões com o meio ambiente, [faço] o que dá para fazer, sabe? Porque eu não acho que é o seu banho de meia hora que gasta a água. Não é o lixinho de plástico que gasta, a gente tem que ter essas atitudes, mas é muito mais uma coisa industrial. E como é que você muda a indústria? Mudando as pessoas, o sistema industrial é comandado por pessoas, logo, mudando pessoas, muda o sistema industrial, muda o ambiente, acho que está tudo em cadeia.

A relação percebida nos entrevistados foi de consciência da importância da preservação do meio ambiente para o mundo, mas a relação dos jovens é muito mais de absorver da natureza do que lutar por ela, como estar perto de lugares que remetam à paz e à calma. Até mesmo enquanto essa pesquisa ainda passava pelo processo de buscar entrevistados, não foi indicado nenhum *millennial* com algum tipo de trabalho ambiental. Certamente, há muitos jovens voltados para tais causas, mas os canalizados para questões humanas apareceram mais.

6.2.2.8.

Política

Muito criticados por não se engajarem como seus pais e avós em questões políticas, os *millennials* relataram qual é sua relação com o assunto.

Alonso: Eu tenho uma aversão, meus pais falam a mesma coisa, é um troca-troca. Eu só queria pessoas diferentes. Eu não tenho uma opinião de esquerda ou de direita e não gosto de expor minha opinião em *Facebook*, essas coisas. Quando eu exponho, é através de arte. As pessoas têm que entrar menos em embate e achar uma coisa central das opiniões para resolver o problema.

Bernardo: A minha relação com política é pura descrença, acho que todo mundo deve ser, qualquer pessoa que assistiu o jornal uma vez esse ano a relação vai ser de muita descrença. Cara, acho que nada vai mudar tão cedo, porque embora

tenha muitos candidatos, até com ideias legais, que tentariam fazer o melhor no governo, tá tão cheio das falcatruas lá dentro, né? (...) Cara, eu acho que se a política fosse feita, e bem feita, talvez a gente não precisasse de projetos sociais. Talvez eu não precisasse estar indo lá montar uma biblioteca. Talvez o cara ali da esquina não precisasse estar ensinando criança jogar futebol ao invés de entrar no crime. Eu acho que a ineficiência da política é o que deixa a gente com essa sensação de “cara, preciso mudar as coisas, senão as coisas não vão mudar”. A política engaja a gente socialmente, a falta dela. Talvez a presença dela engajassem, mas a gente não pode saber, a gente nunca teve.

Cadu: A minha relação com a política sempre foi de ódio, eu nunca me identifiquei com os grupos políticos, os partidos políticos, nem os posicionamentos políticos. Tanto que pra eu tirar o título de eleitor foi muito difícil, eu sempre questioneei muito as questões de obrigação que a sociedade impõe. Sabe, alistamento militar, título de eleitor? (...) essas questões obrigatórias que são resquícios militares, né? Da ditadura militar, que impõe muita coisa pra gente. (...) na minha opinião, a política tem que começar nas escolas, você tem que discutir política com dez anos de idade, você já tem que ter ali um aprofundamento nessa questão política, pra você já crescer com um questionamento e mudar, né? Aí sim, vai existir uma reforma política e uma reforma de preconceitos também. Esse viés também tem que vir para discutir conceitos de preconceitos raciais, homofobia, enfim, todos esses conceitos têm que começar lá na raiz. Aí, a gente começa entender essa diferença, né? Que na verdade não tem que ter, que não existe, somos todos iguais, só que com gostos diferentes, é só isso.

Laís: Eu acho que tudo o que a gente faz é política. Ele está nas ações que a gente toma, sem ser de esquerda ou direita, todas as ações do trabalho e da vida pessoal têm uma relação com a sociedade como um todo. Eu não sou uma pessoa que vai em debates ou manifestações, assim, eu até vou, mas não é uma coisa que me move super, mas eu acho que é uma coisa importante.

Rafael: Meus dois avós são da resistência da ditadura militar, a ponto do meu avô pegar em arma para assaltar banco para angariar fundos e minha avó esconder refugiados dentro de casa. Então, assim, eu tenho bastante base política desde pequeno. Engraçado que quando eu era pequeno, eu era tão “sequelado”, achava tão bonitas as fotos de resistência, que eu torcia pra ter um golpe para eu ir para a rua. Uma coisa louca de criança, né? Mas eu via as imagens e sempre fui apaixonado por esse lado, é o que move meus pensamentos.

(...) eu acho que a política não deveria ser feita só por políticos. A política profissional, ela é uma coisa muito complicada, mas eu acho que política é você entender ouvir e saber dos outros que vivem em sociedade com você. Então, assim, a sua entrevista é um ato político. Você tá ouvindo, você vai procurar entender e saber quem são os *millennials*, isso é para mim um ato político. Você não está se fechando. Eu acho que assim, você chegar e conversar com a moça da barraquinha lá fora e perguntar: “mas você tem família? Mas trabalha? Quantas horas por dia? Isso é suficiente ou tem que fazer outra coisa?” Isso é muito de quem ela é, o que ela faz e como ela vive. Isso para mim é política e isso qualquer um pode fazer.

Assim como observado nos grupos focais, os jovens *millennials* entrevistados em profundidade não apresentaram confiança na política do país, e demonstraram até uma certa aversão, pois não se sentem absolutamente

motivados a participarem nesse aspecto. Em contrapartida, entendem que suas atividades também são atos políticos, de questionamento, de mudança social e resgate de identidades.

6.2.2.9.

Tecnologia

A tecnologia associada à internet foi mencionada como possibilidade de atingir desconhecidos, como simplificador de questões burocráticas, divulgação de trabalho profissional e de novos projetos. Também foi lembrada como entretenimento que deve ser dosado.

Laís: Contradizendo um pouco essas coisas dos *millennials*, claro que tem a questão da tecnologia que pode ser um ponto positivo ou um ponto negativo. A tecnologia também é um facilitador das pessoas se reunirem, das pessoas se comunicarem, falarem o que querem sem medo de ser pautado e tal. Então a tecnologia torna as coisas mais superficiais, mas ela também facilita muitas coisas. Eu consegui falar com alguém no Quênia, sabe? É um mundo que é fluido, que tá todo mundo conectado.

Alonso: Pô, é minha ferramenta de trabalho, sem o *Photoshop*, eu não ia fazer o que eu faço e até para divulgação, né? Tudo que tem de novo eu tô antenado, vendo, seja em relação à rede social, a celular. Eu fiquei hospedado na casa de um cara em São Paulo que ele faz projeções de colagem na parede, em prédio, e eu achei *do cacete*, então eu tô começando a estudar, ferramenta de mapeamento eu quero aprender isso.

Cadu: Eu gosto muito de ver, testar, sou muito ligado à tecnologia. Ao mesmo tempo, não gosto muito dela. Tento manter um controle. (...) mas a minha relação é boa, até porque para o meio artístico a gente consegue ter um alcance através dessas redes sociais. Eu consigo atingir gente de outro país, tem pessoas que me seguem que são de vários lugares do mundo, Nova Iorque, Itália, Portugal, que ao mesmo tempo eu consigo vender a minha arte daqui pra fora, então eu acho super pertinente. E positivo para o mercado de arte.

As falas acima mostram algumas maneiras que os jovens utilizam a tecnologia profissionalmente e como meio de comunicação encurtador de distâncias. Já Érico e Rafael comentam sobre a forte ligação que têm com esse universo.

Érico: É uma coisa que eu vivo batalhando, né? De entrar no *Facebook*, entrar no *Instagram*, entrar no *Snapchat*, direto na internet, ver e-mail e tal. Já desativei todas as notificações do meu celular, não tenho mais nenhuma praticamente. Se você não está falando diretamente comigo, eu não tô recebendo notificação no grupo, porque eu não consigo lidar, eu sou muito viciado em tecnologia. Final de

semana, se der um tempinho, eu vou abrir milhares de coisas e vou começar a ver um por um tudo que eu acho relevante em relação à tecnologia, que eu adoro. Criação de aplicativos que eu me interesse muito, que é uma parte do que eu faço, até novas tecnologias. Tem que ter um pouquinho de autocontrole para não perder a linha, não trazer o vício, não passar do limite, usar da forma que é positiva para a gente e não demais. Não exagerar, eu acho, que a gente sempre dá uma exagerada. É muito fácil, muito prazeroso, muito acessível, o celular tá sempre ali à mão. E aí, eu fico meio hoje em dia, em uma batalha diária, entendeu? Quanto que está fazendo bem ou quanto mal pra gente usar.

Rafael: Eu amo tecnologia, meu celular é a minha segunda vida. Eu trabalho no celular, eu faço tudo no celular e se eu for assaltado, eu passo tudo, menos o celular. Aqui tem agenda, tem trabalho, tem tudo nesse telefone, eu sou muito ligado. Eu não gosto nem de mudar de telefone, não sou aquela pessoa que saiu um celular novo, eu quero trocar. Eu fico com ele até ele desistir de mim, eu vou até o final, não compro outro. Eu sou muito apegado, tem a minha vida inteira, que tem um resumo da minha vida, eu tenho ciúmes.

(...) para mim é um facilitador da vida, quanto mais eu facilitar a minha vida, melhor. É a melhor distração do mundo (celular) e computador é para trabalho. Isso daqui (aponta para o celular) é minha vida, se eu saio de casa sem, eu volto para buscar. Não tem como, eu resolvo muita coisa de trabalho ao longo do dia pelo celular, então assim, ficar sem celular durante o dia, no final do dia, tô desempregado.

A tecnologia foi referida como uma aliada do cotidiano, facilitadora. Relação que não se deve ter entrega, mas de vigilância de si mesmo. Ainda que muito ligados à tecnologia, os entrevistados refletiram em ter a situação sob controle. A internet é vista como um meio de comunicação extremamente presente na vida dos entrevistados e páginas pessoais em redes sociais são um meio de alcançar ainda novas possibilidades de trabalho.

6.2.2.10.

Tempo

Como seria a relação da juventude hodierna com o tempo? Estes também necessitariam de mais, conforme a Geração X? Como os *millennials* administram os seus dias?

Bernardo: Eu queria dias maiores, entre o trabalho, o projeto, os livros e as séries acaba não sobrando muito tempo. (...) é uma relação assim, cara, de fazer as coisas vagarosamente para não desgastar a ponto de nunca mais querer fazer isso e tem funcionado muito bem (Bernardo está falando do projeto social). Principalmente, quando eu olho para o lado e vejo pessoas malucas com o tempo, a vida, o pessoal querendo tudo para ontem.

Elena: Mas você não deixa de fazer, então?

Bernardo: Eu não deixo de fazer, eu faço em algum momento, eu posso demorar um tempo, tardar uma semana, mas eu acabo fazendo. Eu não fico com aquela sensação de “cara, tem que ser agora, se não for agora, não vai ser”. Não, se não for agora, vai ser em algum momento que eu queira.

Cadu: Engraçado, eu não tenho problema nenhum em relação ao tempo, eu consigo administrar bem. Eu não sou aquele tipo de pessoa assim “nossa, o dia poderia ter mais de 24 horas”, sacou? Eu não sou essa pessoa, eu gosto que tudo aconteça dentro do seu tempo, seu momento, eu não fico lamentando.

Rodrigo: Eu gosto de fazer meu próprio horário e dá certo, não suporto nenhum tipo de cobrança.

(...) eu acho que melhora até a qualidade do seu trabalho, porque se você está muito focado em uma coisa, não faz nada bem, você acaba fazendo mecânico. Você cumpre uma tabela. Enquanto quando você está distraído, tem umas ideias muito legais. Você vai pensando, vai crescendo e tá adquirindo informação para poder fazer um trabalho melhor. Cansei de estar malhando e, assim, já resolvi muita coisa na minha cabeça malhando. Então não fico mal, culpado, do tipo, “ah esse tempo que estou com a minha mãe não adquiri informação”, mas ao mesmo tempo, não sei se é saudável, porque eu trabalho em intervalos. Eu sempre tenho que voltar para o trabalho, é comum, não é assim: “agora acabei, aí eu vou parar”. Não, não existe isso, tipo, ficar 6 horas vendo série, eu vejo duas e volto a trabalhar, e não paro de trabalhar nunca. Trabalho final de semana, eu tenho um amigo que disse que eu vou enlouquecer rapidinho.

Houve uma frequência da ideia de “respeitar o próprio tempo”, livre de pressões. Ainda que não consigam terminar suas atividades no tempo desejado, os *millennials* entrevistados não levantaram isso como um grande problema. A falta de tempo, em alguns casos, foi pela impossibilidade de se dedicar ao lazer. Nos grupos focais, também foi falado sobre a necessidade de se trabalhar de forma mais livre para pensar.

6.2.2.11

A Geração *Millennials*

Ao perguntar sobre juventude e o que acham da Geração *Millennials*, o que é dito e se eles se identificam, as respostas seguiram por dois caminhos: uma perspectiva de como os jovens à sua volta estão e outra através do prisma do que é dito sobre si.

Laís: Eu acho que a coisa de sempre ter esperança na juventude, que o jovem vai mudar o mundo, é porque o jovem tem essa força, essa energia, vontade de fazer e até ingenuidade de acreditar que tudo é possível. (...) é uma coisa que todas as

gerações de todo o mundo sempre vão acreditar, nas crianças e nos jovens como o futuro de mudança. (...) eu acho que tem uma tendência, na juventude, no mundo inteiro, ou eu posso estar muito enganada e estar vivendo em uma bolha, mas eu acredito que tem essa tendência de pessoas querendo fazer coisas com um propósito, de quererem ter um significado, a pessoa reconhecer que ela é além dela mesma. Eu tenho amigas e amigos que trabalham no mercado financeiro, são advogados de grandes escritórios que não têm essa consciência imediatamente, mas em outros campos da vida sim.

Clara: Eu acho que muita coisa de fato bate, mas não sei se bate pelo mesmo motivo. Eu acho que existe um recorte geracional e de característica. Por exemplo, eu hoje sou empreendedora porque eu vim da favela, porque eu vi que faltava isso e eu queria entregar isso. Outras pessoas que são empreendedoras iguais a mim e que não têm a mesma origem que eu, elas são empreendedoras por outros motivos. Então, no fim das contas, todo mundo é meio dono de si, todo mundo tem uma relação meio diferente com o trabalho, todo mundo não separa mais a vida pessoal da vida profissional, mas o movimento que faz isso acontecer é muito diferente. Então, eu concordo sobre muitas coisas que se diz sobre os *millennials*, mas eu acho que a gente precisar estudar mais sobre o que leva as pessoas a fazerem aquilo que elas fazem. Porque uma pessoa X que luta por uma causa, não necessariamente viveu na periferia, que ela precisava devolver alguma coisa. É por outro motivo, é muito mais “eu preciso fortalecer essa narrativa” do que “eu preciso devolver”.

Clara cita o exemplo, sem saber, de Laís e Rafael. Ambos acreditam estar em uma situação privilegiada em comparação a outras pessoas. No entanto, sentem a necessidade de participar de atividades que reforcem discursos sociais como apoio às causas.

Há uma mistura de discursos sobre os *millennials* e isso também confunde a opinião dos jovens. Concordaram parcialmente com o que é dito sobre a geração, sem certezas se eles se identificam e concordam com isso.

Érico: Eu não sei, na verdade, essa é uma pergunta bem difícil porque cada um fala uma coisa, né? Eu vejo um pouco, aliás, dessa cultura dos *millennials* de não se enquadrar numa cultura antiga e corporativa de trabalho. (...) tem um [pesquisador] “Simon alguma coisa” que diz que a gente não se enquadra mais nesse modelo antigo, que está acostumado a ter ansiedade, a ter necessidade de resposta, muito vindo pela geração da tecnologia, né? Tá com mania de smartphone na mão, de sempre fazer algum post.

Bernardo: É o que eu te falei, eu me acertei tanto profissionalmente, que eu acabo não identificando muito com a galera que tem essa inquietude assim. (...) eu acredito nos estudos, mas acho que não funcionou para mim, sabe? Eu acho que a geração não colou comigo. Na parte de engajamento social, talvez. Agora, de esperar coisa do trabalho e ficar inquieto e ansioso, acho que eu pulei esse sintoma.

Luana: As pessoas que estão nessa faixa têm uma necessidade de fazer as coisas no prazer. Acordar todo dia 5h da manhã, que eu acordo todo dia e chegar em

casa 22h30, 23h, não é o ideal, mas é o necessário nesse momento. E eu entendo que nesse momento eu preciso disso.

Os entrevistados se identificam com uma ideia rasa do discurso da Geração *Millennials*. Em outras palavras, em alguns momentos, concordaram com o que é dito, mas não na medida, forma e razões que isso acontece. A título de exemplo, a tecnologia. Concordam que são íntimos do assunto e a partir daí, uma série de questionamentos foram levantados. Por fim, a conclusão de que seriam “viciados em internet” ou teriam dificuldades de relacionamento estava absolutamente fora do seu consentimento. Por outro lado, os jovens não concordaram com a ideia de *millennials* ao falar de si, mas ao julgar outros jovens com distanciamento, ocorreram casos de colocá-los em algumas das características criadas. O discurso produzido da geração em alguma medida atingiu suas ideias. No entanto, ao falar de si mesmos, não se reconheceram no perfil instituído *millennials*.

6.2.2.12

Futuro

As incertezas que cercam o futuro despertam sentimentos distintos nos jovens. Parte destes citou o reconhecimento profissional e financeiro.

Alonso: Eu quero que meu trabalho seja mais e mais visto. Eu quero que ele seja remunerado, vender mais, fazer mais mural, fazer prédio um dia, desse ponto de vista. Mas eu quero que, de alguma forma, as coisas que eu faço voltem para alguma causa, alguma coisa assim, eu gosto de ONG, contribuir, sei lá.

Cadu: Meu projeto futuro é conseguir consolidar meu trabalho, ter um alcance internacional e uma consolidação da comercialização do meu trabalho, né? Ter um espaço sólido em uma galeria, um retorno financeiro a ponto de ter essa certeza de carteira assinada, digamos assim. Da estabilidade financeira, aos poucos a gente vai ganhando, né?

(...) eu quero ter um padrão de vida tranquilo, meu objetivo é viver do meu trabalho, porque é o que eu gosto de fazer e viver em uma casa confortável onde eu viva perto dessas questões ambientais, onde eu respire bem, não tenha um estresse muito grande e que eu acho que é possível, basta você querer também, né? Querer mudar, se você quiser mudar, você consegue.

Luana: Ter uma família e dar à minha família uma vida estável, o básico e necessário. Se puder, ter um pouquinho a mais pra ter a vida que eu sempre tive. Minha mãe com pouco conseguiu me dar, pouco não que hoje em dia não é pouco. Já fiz várias coisas, mas com muito esforço, com as economias da minha

mãe que trabalhou desde sempre, grávida de mim vendendo pão. Então, minha mãe me disse: “você tem que tomar cuidado com o padrão de vida que você quer, porque não vai ser o teatro que vai te dar”. E eu percebi que realmente talvez eu não tivesse que ser atriz, eu tivesse que seguir uma profissão. Porque a vida que eu quero eu vou ter que correr atrás e não vai ser fácil. Então, eu comecei a trabalhar com 17 anos, depois entrei direto nesse estágio.

Bernardo e Laís também mencionaram seus trabalhos e novas oportunidades, mas apenas para algo ainda mais atrelado à sua personalidade. Ambos estão satisfeitos no emprego atualmente.

Bernardo: Ganhar mais e trabalhar numa empresa mais legal, tipo uma Netflix da vida, alguma coisa assim. Eu gosto muito de jogos, então aqui eu estou em casa, eu só sairia daqui para um lugar que eu faça algo que eu goste muito também. Não sei, pode ser uma livraria, pode ser a Netflix, só empresas que eu iria porque são coisas que eu gosto. Jamais ia trabalhar na empresa farmacêutica agora, nesse momento da minha vida. Sabe? Pode ser que quando eu fique mais velho, eu chegue à conclusão que eu precise, que o salário vai valer a pena, sabe? No momento, eu quero trabalhar em uma empresa que me deixe continuar relaxado. (...) a meta agora é arrumar um cantinho só meu para poder sair daqui mais relaxado, chegar em casa, sair de onde eu estou morando, que agora eu fico em um apartamento com a minha irmã e meu pai. Então, se eu arrumasse um só para mim, tipo, chegasse todo dia, tipo, “esse é o meu espaço”, nossa, aí a vida ia ser perfeita, ia ser a cereja do bolo, o bolo já está ali perfeito.

Laís: Tudo e qualquer coisa que tenha a ver em criar valor ou gerar valor à sociedade, então, eu penso no meu futuro e eu tenho certeza que eu vou seguir nesse caminho. (...) eu sei que eu não fico contemplada [satisfeita] com uma coisa só, eu preciso fazer várias coisas. Então, eu também estou desenvolvendo outros projetos com outros amigos que é desde ensinar o inglês em campo de refugiados em Gana até aulas de empreendedorismo nas favelas. Hoje eu trabalho no Cantagalo pelo meu emprego formal, que me paga.

Clara e Érico passam por um momento de autodescoberta, ambos abriram sua própria empresa, estão satisfeitos com o cargo que ocupam, mas Clara precisa de mais dinheiro e Érico de mais tempo para si.

Clara: Cara, não sei. Eu estou em uma fase que é linda, mas ao mesmo tempo está sendo meio complexa. Eu não imaginei que com 26 anos eu não ia ter uma estabilidade financeira, e eu não tenho essa estabilidade financeira hoje. Eu não imaginei que com 26 anos eu ia estar morando com os meus pais, então tem coisas que foram muito idealizadas por mim, porque eu vi a galera mais velha do que eu fazendo que eu estou tendo que lidar com elas hoje e quando eu olho para o lado, eu vejo que tem vários amigos que estão assim como eu estou. Só que não foi isso que falaram para a gente que seria. A gente está descobrindo porque a gente chegou nesse lugar, isso é uma coisa que bate na minha cabeça todos os dias.

Érico: Eu tenho uma vontade cada vez maior de me afastar um pouco mais desse *frenesi*, essa loucura de trabalhar tanto, depositar a maior parte do meu dia a dia em trabalho, para dedicar a qualquer outra coisa, de gastar tempo com olhando para o céu. Em termos de realização profissional, não é que eu me sinto pleno,

alcançado, é que eu me sinto satisfeito. Eu não quero crescer pra lugar nenhum, não quero ser o melhor, não quero sabe alcançar uma coisa muito maior, não tenho esse objetivo. O importante é ser feliz, né? Não é o que todo mundo fala? Então, como você é feliz? Eu sou feliz fazendo meu trabalho, mas não 8 horas por dia, todo dia, sabe? Se você calcular, está gastando mais tempo de trabalho do que com qualquer outra coisa. Ter relações ainda mais humanas vivendo em uma sociedade onde eu possa trazer mais impacto. Eu sinto essa necessidade, de viver, não eternamente, mas mudar um pouco de lugar para trazer e inspirar pessoas com conhecimentos e aprender.

(...) um dia, de repente, morar na Bahia e ficar um pouco *offline* e beber um pouco mais dessa cultura “de mão na terra e pé no chão” e se relacionar com as pessoas só no olho no olho. Mas ao mesmo tempo, manter uma ligação com toda essa habilidade que veio para mim. Assim, eu encaro muito isso, né? Como essas coisas vieram para mim muito mais do que eu escolhi.

(...) eu enxergo que dediquei muito da minha vida para isso e eu também tenho que olhar um pouco pro outro lado e fico muito inspirado quando eu olho pequenas comunidades autossustentáveis em um lugar completamente isolado. Uma galera muito simples, vivendo de uma forma muito plena e feliz você fala “caraca, tá valendo esse esforço brutal todo dia para fazer uma coisa que a galera não tá nem vendo, nem sabe o que é? Será que está fazendo a diferença mesmo? Será que é isso que importa?”. É um pouco disso, mas eu acho que, às vezes, eu penso “é, é isso que mais importa”. Eu posso trazer sustentabilidade até em um projeto digital, né? Porque o projeto ser de baixo impacto em termos de recursos financeiros e de alto impacto de alcance e utilidade e o processo ser prazeroso para todo mundo que está envolvido, isso me dá muito prazer, faz sentido? É uma viagem, não uma resposta.

Por fim, Rafael confessa temer o futuro. Por acompanhar a doença degenerativa de sua avó até o fim, pondera sobre a fragilidade da vida. Possui muitos sonhos e medo de não realizá-los.

Rafael: O futuro é uma coisa muito complicada para mim de pensar. Eu tenho um medo supremo de envelhecer. É horrível falar isso, mas eu tenho, porque cada dia que passa, a gente perde mais oportunidades, mais vivências. Porque eu sou muito agitado, tenho muitas coisas para fazer ao mesmo tempo e se puder, pego mais coisas para fazer, como se não houvesse amanhã. E pensar que, em algum momento, o seu corpo não vai mais conseguir fazer isso...

Elena: O que é o envelhecer? É daqui a 50 anos, 60 anos ou daqui a pouco?

Rafael: Pode daqui a 50 anos ou pode ser daqui a pouco. Eu tenho muito medo em geral do futuro. Porque eu penso: “cara, se eu ficar cego, eu acho que eu me mato, se eu perder uma mão, eu acho que eu me matava”, acho que eu sou assim. Então, eu tenho medo a todo instante do futuro de acontecer alguma coisa, mas ao mesmo tempo, eu planejo muito o futuro. É até uma dificuldade, porque eu tenho muitos sonhos e eu queria realizar pelo menos alguns. E às vezes, eu olho os meus sonhos e vejo que eles são muito macro.

(...) eu era muito próximo da minha avó e ela teve uma doença degenerativa. Uma pessoa que foi proativa a vida inteira definhando, perdendo os movimentos, perdendo tudo, até que ela perdeu a capacidade de respirar, esclerose múltipla.

Graças a Deus, foi pouco tempo, tem gente que sofre disso há anos. Com a minha avó, foi em 3 meses, ela teria sofrido muito mais.

(...) ver isso me assustou. Me traz uma coisa de impossibilidade. Eu que tenho muitas coisas, quantas coisas eu vou ter atingido até lá e talvez por ser muito agitado, querer fazer muita coisa, talvez passe a minha vida inteira querendo fazer muita coisa e não consigo fazer nada e morra sem fazer as coisas que eu queria ter feito. Ao mesmo tempo eu penso: o que é a morte? Eu penso muito sobre o que é a morte. Às vezes, eu surto sozinho porque eu não sei se você vai ter consciência de que você morreu. Porque isso é muito bizarro, você não ter consciência de que você morreu e aí você só desliga?

As perspectivas sobre o futuro dos entrevistados são pessoais. Alguns deles mencionaram esperança em crescer profissionalmente, mas não como meta imprescindível. Percebe-se que, ainda que algumas características dos *millennials* sejam próximas em determinados momentos, nas entrevistas não possuem homogeneidade de respostas, como nesse caso. Falar sobre futuro implica em sonhos, histórias familiares, propósito de carreira, medos, entre tantas possibilidades.

6.3

Uma síntese das representações dos *millennials*, por eles mesmos: mudança social, juventude, modernidade e geração

O objetivo do presente estudo foi, então, buscar jovens envolvidos em movimentos e causas sociais para compreender, enfim, porque “juventude” e “mudança social” andam sempre juntas, como categorias, em todos os discursos que se prestam a analisar “os jovens” ou “as gerações”. A partir das investigações realizadas em campo, foi observada, principalmente, uma nova interpretação da noção de mudança social e até mesmo de “mudança de mundo”. Os *millennials* demonstraram estar concentrados em questões de menor escala, como ajudar uma ONG local ou se envolver em atividades da sua cidade. Uma mistura de satisfação pessoal e prazer, as atividades em que cada um se envolvia apresentavam um pouco do seu mundo, personalidade e sonhos. Havia um encontro entre quem é atendido pelo projeto e o *millennial* que quer dividir o conhecimento, capital cultural que pode oferecer. Dois pontos foram citados com frequência nas atividades relacionadas à mudança: afirmação de identidade e criação de vínculos, uma mistura de afetividade e humanidade entre o jovem *millennial* e quem está

sendo atendido pelo projeto. A mudança social está acontecendo, com menos gritos por revolução e mais tato.

Possivelmente relacionada a uma notável descrença na política, os jovens não demonstraram confiança e engajamento a protestos políticos, ainda que considerem importante a participação. Foi citada diversas vezes a conjuntura de um sistema de corrupção perene. A reação nesse aspecto era de pesar. Os *millennials* precisam acreditar naquilo pelo que lutam. Assim, as causas em que estão envolvidos possibilitam ao jovem confiar e ter a experiência de mudança social. São extremamente fiéis aos seus valores e isso se reflete com transparência na forma de encarar o ambiente de trabalho. Necessitam de diálogo, entender o que é demandado e o que ele pode oferecer. Embora sejam lembrados pelo senso comum, por não consentirem hierarquias, o maior impedimento no ambiente de trabalho exposto pelos *millennials* foi acerca da falta de conversa, troca e abertura a novas ideias, noções que foram transmitidas pelo especialista *millennial* e confirmadas com os entrevistados. Desejam mais empresas que busquem formas mais horizontais de hierarquias e fluxos institucionais; projetos que causem impacto e que os façam se sentir importantes no que fazem, mas, acima de tudo, ter um trabalho “flexível” foi o mais desejado entre os jovens, com flexibilidade de horário, de ideias, de espaço físico, de hierarquias e pessoas. Antes de ter um ambiente com mobiliário descontraído, eles não querem trabalhar em sistemas que consideram antiquados.

São apontados também por serem viciados em tecnologia e criticados por não estabelecerem vínculos fora da internet. Os *millennials*, nesse ponto, consideraram a ligação com a tecnologia complexa. Acreditam que a dominam, em todos os sentidos, e não são dominados, mesmo que usem de estratégias para distanciar a relação. Citaram também outras gerações, mas entendem que são os que mais sabem lidar com as novas ferramentas. Os *boomers* e os *xis* não dominariam todos os artifícios oferecidos e os *zes* não distinguiriam a importância de “desconectar”. A visão dos *millennials* sobre a tecnologia e a Geração Z traz à lembrança de como os próprios *millennials* são vistos por outras gerações e a sua relação com os *gadgets*, o que traz a seguinte reflexão: se mais do que atribuir o problema do excesso de tecnologia à juventude, talvez a grande dificuldade dos adultos não seria aquela que caracteriza o eterno e clássico embate entre quem

possui mais experiência de vida e aqueles que ainda estão criando sua própria relação com o mundo – que, no nosso contexto, é um novo mundo, o tecnológico.

Se há um temor por uma homogeneização das identidades (HALL, 2006) a partir da modernidade tardia, pode-se pensar que, antes do advento da globalização, a juventude já carregava valores sociais de cada época. No entanto, o mundo moderno abriu portas para subculturas e a era da informação deu suporte para ainda mais possibilidades de construção de identidades fragmentadas. O indivíduo moderno-contemporâneo tem acesso a escolhas e possibilidades de desenhar sua própria identidade, não tendo sido a ele imposto assumir o que vem da cultura de massa. Assim, também como Giddens (2009) argumenta, a modernidade fragmenta, mas também une, “(...) abre para o mundo, para os indivíduos se faz presente por uma série de canais e fontes variadas” (GIDDENS, 2009, p. 175). A partir de tais afirmações, foi possível observar em campo as tantas outras funcionalidades da internet usadas como divulgação de trabalho, contato com pessoas em outros continentes, pesquisas em geral, entre tantas perspectivas. A internet, para esses *millennials* foi resumida, positivamente, a um “facilitador de vida”.

Um importante tema levantado concerne à ansiedade. Esses jovens são constantemente mencionados como os mais ansiosos já existentes. Nesse sentido, eles concordaram que convivem com a ansiedade, como um acompanhante da geração. São ansiosos e não escondem; longe disso, requerem compreensão e ajuda. Muitas vezes, são os próprios jovens conselheiros e socorristas em momentos de crises de amigos. A ansiedade também revelou ter grande relação com o alcance do ambiente de trabalho pretendido, uma busca que, enquanto não alcançada, resulta em angústia, bem como os estilos de vida apresentados aqui por Giddens. A contradição, aqui, é discurso de que estão em uma das melhores fases da vida, momento de diversão e irresponsabilidades, e, ao mesmo tempo, por ser esse o período de escolhas que implicarão no futuro, a hora de construir o “adulto que gostaria de ser”. O dilema desperta uma frustração nos jovens, de que deveriam, e gostariam de viver, no estilo de vida juvenil, mas que, na realidade, precisam viver em tons menos intensos.

A angústia aumenta ainda mais com a possibilidade de visualizar tais mensagens afirmadas a todo tempo pelas mídias, bem como em redes sociais. Por esse ângulo, alguns afirmaram que o tempo está passando rápido demais e não estão conseguindo fazer tudo o que queriam em sua juventude, como mais “coisas de jovens”. Por outro lado, os *millennials* não apresentaram uma pressão sobre o tempo de forma geral, mas falaram muito de “realizar as coisas no seu tempo”, encontrando o melhor momento para colocar em prática algum projeto de trabalho ou pessoal. Não houve relatos de desespero por não conseguir finalizar uma determinada tarefa em um dia e uma curiosa observação sobre o tempo também envolveu os *millennials* que viviam a segunda metade dos seus 20 anos: viam-se como mais maduros comparados a anos atrás, como um processo de autoconhecimento.

Mediante as questões ambientais, não é possível afirmar que tal assunto está entre aqueles de maior interesse para a geração. Eles têm perfeita consciência da importância do assunto e fazem pequenas escolhas cotidianamente baseados nisso. No entanto, outros temas, como os de causa social, despertam mais seu envolvimento. Há uma consciência de que é necessária a mudança de agentes externos, como indústrias, governos, entre tantos fatores. O descuido de organizações e instituições está muito acima da alçada desses jovens, como comentado por Rafael, sentimento semelhante ao exposto sobre a situação na política.

Ao discorrerem a respeito do futuro, a entrevista conclui um movimento cíclico: volta para histórias individuais e únicas, naturalmente. Os *millennials* vislumbram para seu futuro sonhos que se reconectam ao passado, distante ou presente, mas o olhar adiante ganha impulso na sua singularidade da largada de cada um. E assim, como no começo das entrevistas, não é possível combinar o que os *millennials* querem do futuro, assim como não é possível responsabilizar-se em dizer quem são os *millennials*. São múltiplos, muitos, e todos juntos formam a mesma geração.